



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

JOSIMANE DOS SANTOS MEDEIROS

**CONCEPÇÕES DE FAMILIARES RESPONSÁVEIS E DE ALUNOS
SOBRE LEITURA E ESCRITA DE UMA TURMA EM UMA ESCOLA
RURAL DE PICUÍ-PB.**

**CUITÉ-PB
MARÇO/2014**

JOSIMANE DOS SANTOS MEDEIROS

**CONCEPÇÕES DE FAMILIARES RESPONSÁVEIS E DE ALUNOS
SOBRE LEITURA E ESCRITA DE UMA TURMA EM UMA ESCOLA
RURAL DE PICUÍ-PB.**

Trabalho de Pós Graduação apresentado ao Curso de Especialização *Latu Sensu* em Educação com foco em Ensino e Aprendizagem da Unidade Acadêmica de Educação do CES/UFCG/ campus de Cuité, como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador: Prof. Ms. Leonardo Cavalcante de Araújo Mello

Cuité-PB

MARÇO/2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

M488c Medeiros, Josimane dos Santos.

Concepções de familiares responsáveis e de alunos sobre leitura e escrita de uma turma em uma escola rural de Picuí - PB. / Josimane dos Santos Medeiros. – Cuité: CES, 2014.

66 fl.

Monografia (II Curso de Especialização com Foco em Ensino-Aprendizagem) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2014.

Orientador: Leonardo Cavalcanti de Araújo Mello.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Alfabetização – família – escola rural. 4. Alfabetização – Picuí – zona rural. I. Título.

CDU 37.014.22

JOSIMANE DOS SANTOS MEDEIROS

**CONCEPÇÕES DE FAMILIARES RESPONSÁVEIS E DE ALUNOS SOBRE
LEITURA E ESCRITA DE UMA TURMA EM UMA ESCOLA RURAL DE PICUÍ-
PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado pela aluna: Josimane dos Santos Medeiros, do Curso de Pós-Graduação: Especialização em Educação com Foco em Ensino Aprendizagem, tendo obtido o conceito _____, conforme a apreciação da Banca Examinadora.

Avaliado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Leonardo Cavalcante de Araújo Mello
(UFCG/CES/UAS)

Prof. Ms. Caroline Zabendzala Linheira
(UFCG/CES/UAE)

Prof. Ms. Jair Stefanini Pereira de Ataíde
(UFCG/CES/UAE)

“Sem a curiosidade que move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, nem ensino”

Paulo Freire

Aos meus filhos Lucas, Thayná e Luan, razão principal do meu viver.

Dedico

AGRADECIMENTOS

À Deus, autor do universo, que me concedeu vida, força e coragem para conquistar mais uma vitória. Obrigada Pai, pela proteção constante nessa caminhada!

Ao meu esposo Flávio André e aos meus filhos Lucas, Thayná e Luan, pelo amor, apoio incondicional e compreensão nos momentos em que precisei estar ausente para dedicar-me a este trabalho. Amo-os infinitamente.

À todos os meus familiares, em especial aos meus pais e à minha avó, pelo incentivo e pelas orações tão valiosas, que com certeza muito me ajudaram a ser perseverante e chegar até aqui.

Ao orientador Prof.Ms. Leonardo Cavalcante de Araújo Mello que contribuiu para a realização deste trabalho com sua orientação, incentivo e amizade.

À todos os professores do curso de Especialização em Educação com Foco em Ensino e Aprendizagem, o meu profundo agradecimento, reconhecimento e admiração. À Prof. Ms. Letícia Caporlândia Giesta, professora da área de Língua Portuguesa que me orientou na elaboração do projeto de pesquisa e sempre me atendeu com prontidão e boa vontade. Muito obrigada por toda atenção a mim dedicada!

À coordenação do Curso de Especialização nas pessoas da Prof. Dr. Cláudia Patrícia e da Prof. Dr. Denise Domingos, pela presteza nos encaminhamentos e incentivo.

Às amigas do curso, pela companhia, troca de experiências e carinho dedicados.

À diretora da escola campo de pesquisa e a todos os pais ou responsáveis e alunos que colaboraram com a realização desse estudo, meu muito obrigada.

Enfim, a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste feito.

RESUMO

Diante das dificuldades de aprendizagem relacionadas ao domínio da leitura e escrita apresentadas por alguns alunos de uma escola pública da zona rural do município de Picuí-PB, busca-se com esse estudo analisar as concepções de leitura e escrita de familiares responsáveis e de estudantes do terceiro ano do Ensino Fundamental, na perspectiva de descobrir fatores que como ela, influenciam no processo de alfabetização e letramento. Através de uma abordagem de pesquisa qualitativa tendo-se como questões norteadoras a caracterização do contexto social da escola e dos alunos envolvidos, o registro e análise sobre o que pensam familiares e alunos a respeito de leitura e escrita, buscando fazer uma ponte entre essas falas e a teoria. Isso tudo com a intenção de contribuir para a melhoria da qualidade de ensino nas escolas públicas e diminuir as necessidades linguísticas dos alunos do campo.

Palavras-chave: Alfabetização, letramento e concepções de familiares e alunos.

ABSTRACT

Faced with learning difficulties related to the field of reading and writing presented by some students of a public school in rural municipality of Picuí -PB , we seek to study and analyze the conceptions of reading and writing family guardians and students third year of elementary school , the prospect of discovering how it factors that influence the literacy and literacy process. Through a qualitative research approach taking as guiding questions caracterização do the social context of the school and the students involved , the recording and analysis about what families and students think about reading and writing , seeking to bridge these perspectives and theory. This all with the intention of contributing to the improvement of quality of education in public schools and reduce the linguistic needs of the students of the field .

Keywords : Literacy , literacy and conceptions of family and students .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
JUSTIFICATIVA.....	8
OBJETIVOS.....	9
OBJETIVOS GERAL	9
OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	9
HIPÓTESES.....	10
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	11
FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	12
METODOLOGIA.....	18
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	20
CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	20
ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	43
ANEXOS.....	45
ROTEIRO DE PERGUNTAS UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS	45
TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA.....	46
DECLARAÇÃO DO DIRETOR	57
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLÇARECIDO.....	58
TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR.....	60

1. INTRODUÇÃO

Desde pequena, já demonstrava uma forte tendência em seguir a carreira docente, pois em minhas brincadeiras era comum o uso de livros, revistas, atividades escolares, quadro e giz. E foi assim que fui alfabetizada em casa pela minha tia aos 6 anos de idade, quando na ocasião, ainda não tinha idade para entrar na escola.

Em 1997, fui convidada para trabalhar como auxiliar de ensino em uma sala de educação infantil de uma instituição da rede privada. Desde então não tive mais dúvidas em relação à profissão que escolheria, pois esta experiência funcionou para mim como um grande teste vocacional. Formei-me em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, no ano de 2007.

Durante esse período a diretora fez-me um novo convite: ser professora titular de uma turma de alfabetização (hoje, 1º ano do ensino fundamental). Com um pouco de receio, devido à responsabilidade, uma vez que todos os alunos obrigatoriamente deveriam chegar ao término do ano letivo lendo e escrevendo com autonomia, mas com curiosidade, aceitei.

Senti então a necessidade de estudar um pouco sobre o processo de alfabetização para que, partindo dos referenciais teóricos, pudesse elaborar um planejamento sistematizado que contemplasse o uso de métodos e estratégias de alfabetização adequados à nossa demanda.

Aquele processo todo de construção de conhecimento, de descoberta e inserção na cultura letrada me encantava a cada reflexão que fazia. O que sempre me deixava curiosa era o fato de perceber que algumas crianças apropriavam-se do sistema alfabético com mais facilidade, enquanto outras levavam mais tempo. Contudo, todas elas conseguiram ler e escrever até o final do ano com autonomia, mesmo tendo apenas sete anos de idade.

Ao conseguir aprovação em um concurso público no município de Picuí, em 2008, me deparei com uma realidade totalmente diferente. Fui lecionar em uma escola na zona rural do município, que vinha do sistema multiseriado de ensino. Naquele ano, a maioria dos meus alunos não sabiam ler e escrever e alguns estavam em situação de distorção idade/série.

Minha experiência como alfabetizadora me deu suporte para mudar um pouco aquela realidade, mesmo enfrentando vários desafios ao mesmo tempo.

Atualmente continuo lecionando nessa mesma instituição, que, felizmente, tem passado por grandes transformações nos espaços físicos e didático-pedagógicos. Trabalho com a última série do ciclo de alfabetização (3º ano do ensino fundamental) constituída por

alunos que estão na faixa-etária entre 8 e 12 anos. O que me causa bastante preocupação é a existência de alunos com idades avançadas para a série. Esses alunos já passaram, minimamente, por um tempo de 600 dias letivos, no entanto, não obtiveram aprendizagens básicas com relação ao uso da leitura e da escrita, o que comprometerá a consolidação de diversos saberes essenciais à conclusão do ciclo de alfabetização. Essa dificuldade de aprendizagem poderá também prejudicar gravemente o seu futuro, visto que, aqueles alunos que não sabem ler e escrever textos com autonomia têm dificuldades para dar continuidade ao processo de escolarização e de participar de várias situações extra escolares.

Quando contraponho minha primeira experiência com esta segunda, observo que diversos fatores do contexto social no qual o aluno está inserido podem influenciar positiva ou negativamente no seu processo de alfabetização e letramento. Dentro desses fatores se destaca a concepção de leitura e escrita por parte dos familiares responsáveis e pelos alunos, já que essa concepção permeia a tomada de decisões frequentes na rotina dos discentes.

Diante da dificuldade de aprendizagem enfrentada por diversas crianças por não terem sido plenamente alfabetizadas até os anos iniciais do ensino fundamental, tem-se observado uma forte tendência ao fracasso escolar, uma vez que essas crianças tendem a ficar retidas em uma série, com idades cada vez mais avançadas, desestimuladas pelo fato de não acompanharem o ritmo de seus colegas de turma e convencidas de que são incapazes de aprender.

A grande maioria dessas crianças pertencem a famílias de baixa renda e a grupos marginalizados. Entretanto isso não deve fundamentar o fato de não aprender a ler e a escrever, uma vez que, mesmo pertencendo a classes sociais menos favorecidas, essas crianças têm experiências prévias com a leitura e a escrita. O fato de conviver com adultos alfabetizados que fazem, ao menos minimamente, uso da leitura e da escrita no seu dia a dia permite à criança elaborar hipóteses acerca de seus usos e funções sociais muito antes de ingressar na escola.

Aprender a ler e a escrever na escola, é um direito de todo aluno, sobretudo porque é uma condição de acesso à cultura letrada e à plena participação social, assim como também é a chave para o conhecimento de todas as áreas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, o desenvolvimento das capacidades linguísticas de ler e escrever, falar e ouvir com compreensão, em situações diferentes das familiares, não acontece espontaneamente. Elas precisam ser ensinadas sistematicamente e isso ocorre principalmente nos anos iniciais da

educação básica. A escola é portanto o ambiente por excelência onde as ações de ensinar e aprender a ler e a escrever devem ser consolidadas.

No decorrer do processo de ensino e aprendizagem da língua materna, surgem vários desafios a serem superados e muitos deles podem ter origem fora do âmbito escolar. Surgem então vários questionamentos: Que concepções de leitura e escrita têm os familiares e alunos de uma escola localizada na zona rural? Qual é a importância da leitura no contexto social no qual estão inseridos? Que fatores podem influenciar o processo de alfabetização dessas crianças, na idade desejável? Que discussões teórico-metodológicas estão sendo contempladas atualmente nessa escola sobre o processo de ensino aprendizagem da língua materna.

1.1 JUSTIFICATIVA

A razão da escolha do tema prende-se ao fato de haver dentro de nossas escolas públicas, crianças em situação de distorção idade/série que não conseguem consolidar o processo de alfabetização e letramento na idade desejável. Isso lhe acarreta inúmeros prejuízos na aprendizagem, uma vez que a leitura e a escrita são bases para o exercício da cidadania, além de servir como porta de entrada para o acesso às demais ciências.

A elaboração desta pesquisa partiu da necessidade de conhecer e entender os fatores que impedem a alfabetização até os oito anos de idade, período que compreende a educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental.

A criança não alfabetizada tende a se sentir fracassada e incapaz de aprender, sobretudo se estiver invisível aos olhos de seus professores. Estudar as causas dessa “incapacidade” é de extrema necessidade, haja vista que acontece com umas crianças e outras não, mesmo sendo todas pertencentes ao mesmo grupo social e cultural.

Conhecer os conceitos de leitura e escrita dos familiares responsáveis e alunos possibilitará a reflexão sobre esses fatores socioculturais envolvidos no processo de letramento.

Os resultados obtidos nessa pesquisa poderão contribuir para a melhoria na qualidade do ensino oferecido em nossas instituições públicas, especialmente no tocante à leitura e escrita.

1.2 OBJETIVOS

➤ OBJETIVOGERAL:

1- Analisar concepções de familiares responsáveis e de alunos de 3º ano do ensino fundamental sobre leitura e escrita em uma escola da zona rural de Picuí/PB.

➤ OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1) Caracterizar a escola e os alunos da turma estudada.
- 2) Registrar o que pensam familiares responsáveis e alunos de 3º ano do ensino fundamental sobre leitura e escrita.
- 3) Articular as informações coletadas no estudo com a literatura pertinente.
- 4) Descrever, a partir das informações coletadas, o que representa para os alunos aprender a ler e escrever na escola, na vida cotidiana e em um futuro profissional.

1.3 HIPÓTESES

Até bem pouco tempo atrás, não existiam políticas públicas que atendessem às particularidades do ensino no campo, que se caracterizava por carências em infra-estrutura, transporte escolar, currículo que levasse em conta as necessidades específicas dos alunos, entre outras necessidades. O precário acesso à educação no campo e a falta de condições que garantissem a permanência do aluno na escola, podem ter sido os motivos pelos quais alguns estudantes não obtivessem um desempenho escolar satisfatório e conseqüentemente, desistissem de estudar.

Como esses alunos do passado hoje são chefes de família, poderemos encontrar nelas, pessoas com carência intelectual, que pouco fazem uso da linguagem escrita no seu cotidiano, por não compreenderem o poder comunicativo que ela tem na nossa sociedade. Um outro problema que certamente compõe o cenário dessas famílias é o analfabetismo de jovens e adultos.

Todos esses fatores, certamente contribuíram para a forma como essas pessoas concebem o ato de ler e escrever, bem como a importância que essas competências tem em suas vidas. Para alguns, a leitura pode ser compreendida como o simples fato de conhecer as letras e seus sons, escrever o próprio nome ou ainda a capacidade de ler e escrever um bilhete, ainda que cheios de erros ortográficos.

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O presente estudo foi organizado em cinco blocos temáticos. O primeiro mostra a problemática escolhida e sua justificativa, além de trazer os objetivos e a relevância do tema para a pesquisadora bem como para o campo pesquisado. No segundo, aborda-se o que a literatura fala sobre alfabetização e letramento, com enfoque para a influência da família e do contexto social nesses processos bem como a importância da consolidação desses saberes para o crescimento pessoal e o desenvolvimento acadêmico do aluno. Em outro momento apresentamos os resultados da pesquisa, que começa com uma descrição detalhada da escola campo de pesquisa bem como da comunidade escolar envolvida no estudo, seguida das análises e discussões feitas a partir dos dados coletados que foram divididos em categorias com o intuito de facilitar a interpretação. Na sequência, evidencia-se nas considerações finais que esse estudo não se esgota por aqui, mas dá margem para que seja ampliado com novas pesquisas na tentativa de buscar novos conhecimentos, além de trazer os referenciais teóricos que nortearam o estudo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A criança tem, no início do Ciclo da Alfabetização – que compreende as três primeiras séries do ensino fundamental - o direito de aprender a ler e a escrever em situações com a mediação do professor e em situações mais autônomas, para que possa chegar ao término do Ciclo com esse saber consolidado, o que significa uma grande evolução como estudante e como cidadã. Sem o domínio da leitura e da escrita, o indivíduo não tem todas as condições necessárias para participar ativamente da complexa vida social que usa essa linguagem como forma de comunicação além de não poder lidar com o saber científico, as ciências e as tecnologias. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Língua Portuguesa) reconhecem isto ao afirmar: “Ser um usuário competente da escrita é, cada vez mais, condição para a efetiva participação social”. (p.22).

A alfabetização é um processo que vai além do aprendizado mecânico da escrita e da leitura proporcionando a noção de letramento que inclui o desenvolvimento da consciência crítica. O letramento altera a condição do indivíduo na sociedade porque o mesmo encontra-se envolvido em numerosas práticas sociais de leitura e de escrita, mudando , “seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura — sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente.” Soares (2006, p. 37)

O ato de ler é muito mais do que decodificar os sinais gráficos marcados no papel. Implica em uma atividade de raciocínio pois ao realizar uma leitura o leitor une os conhecimentos que já possui armazenados na memória com as novas informações, a fim de produzir uma nova ideia à escrita. Sendo assim, a leitura é um fator importantíssimo na construção do conhecimento, pois nos permite a descoberta e a recriação de uma nova realidade .

O processo de alfabetização geralmente encontra-se atrelado às ações pedagógicas que acontecem no âmbito escolar, restrito e dirigido ao trabalho dos profissionais da educação, sobretudo dos professores alfabetizadores cujos métodos e concepções de ensino são considerados quase exclusivamente como responsáveis pelo sucesso ou insucesso do trabalho. Pretende-se discutir aqui a importância do meio familiar e social neste processo, bem como algumas de suas particularidades importantes, como a questão de valores e expectativas familiares, pois acredita-se que estes constituem aspectos de motivação para o andamento e sucesso do processo.

Para Freire (2001, p.20), "a leitura de mundo precede a leitura da palavra escrita", isso demonstra que mesmo antes do conhecimento escolar ser introduzido, a criança já traz

consigo vivências, experiências e conhecimentos previamente construídos, que ganham valor ao serem considerados pelos professores para a escolha de metodologias para a introdução dos conteúdos escolares.

Segundo Teberosky (1992, p.65) "o início do conhecimento sobre a linguagem escrita não depende do manejo pessoal da escrita e, portanto, não coincide com o início da escolaridade obrigatória", pois o conhecimento da escrita começa muito antes da criança frequentar a escola. Este conhecimento evolui, muda de acordo com a idade do sujeito, traz características do meio cultural e social em que este sujeito está inserido. Nesse sentido, é extremamente importante a comunicação entre a família e a escola uma vez que, é através dessa interação que a escola pode conhecer melhor as características do aluno e de seu meio social. Todo esse conhecimento que o aluno traz consigo, gera benefícios ao ser efetivamente considerado e sistematizado para que possa promover a consolidação da alfabetização.

Conforme Soares, "alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; letrado é aquele que sabe ler e escrever, mas que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita". (SOARES, 2006,27)

Nesse sentido, estão envolvidos no processo de leitura a compreensão e a transformação da realidade, pois ler é prever, pensar e interagir. Nessa perspectiva a leitura e a escrita, sendo processos indissociáveis, ou seja, um não existe sem o outro, exercem papéis fundamentais sobre as nossas vidas e principalmente sobre o desenvolvimento social e crítico dos fatores cotidianos, pois no contato diário com a leitura o leitor / escritor pode construir uma visão crítica da realidade, refletir e agir de modo a transformá-la. Quem lê e escreve todos os dias, além de aprender a escrever e falar melhor, tornar-se também um cidadão com plena capacidade de contribuir com mudanças significativas na sociedade.

Diante desse contexto, não é suficiente ler apenas o que está escrito na linha. É preciso analisar com profundidade, ler nas entrelinhas aquilo que não está explícito, entender o subjacente, o ausente, e refletir sobre os impactos que isso acarreta à nossa vida. Isso, de fato é ler. Falar com clareza, ler e compreender o texto e o contexto, obter informações necessárias ao crescimento pessoal, social e cultural, interagir com a sociedade por escrito e divertir-se com um bom livro são todas tarefas possíveis apenas para quem domina com autonomia a leitura e a escrita.

A criança inicia seu processo de letramento desde o nascimento, uma vez que nasce em uma sociedade letrada, na qual o material escrito e o uso da linguagem está presente na rotina das pessoas com a quais ela convive. Com isso, ela vai desde cedo, conhecendo e

reconhecendo o sistema alfabético de escrita e diferenciando-o de outros sinais gráficos. Essa realidade está presente tanto no contexto das crianças de classes média ou alta, quanto de camadas mais populares da sociedade, uma vez que todas elas fazem uso da leitura e da escrita em seu cotidiano.

Como já foi explicitado, há grupos mais privilegiados e outros menos, mas em todos os casos a leitura e a escrita são imprescindíveis, pois estamos todos inseridos em uma cultura letrada. Teberosky (2003), classifica os portadores textuais que fazem parte do nosso cotidiano em geral em três grupos: escritos urbanos, escritos domésticos e escritos de máquinas. Os primeiros, são aqueles que estão em lugares públicos e servem para indicar e organizar a vida das pessoas como placas, outdoors, cartazes, folhetos, etc. Os escritos domésticos são aqueles que estão presentes em nossas casas que apesar de serem escritos com letras como as demais palavras, muitas vezes não são lidos pois as pessoas dão maior visibilidade às logomarcas. Esses últimos são os escritos de máquinas interativas como é o caso dos caixas automáticos, celulares, computadores, nos quais a pessoa precisa aprender a interagir com a máquina e cuja aprendizagem caracteriza um nível de alfabetização funcional.

Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita. É interagir com os textos lidos, selecionando o gênero textual que atenda às necessidades de cada momento.

São vários os eventos e as práticas de letramento em que o "material escrito", segundo Soares (SOARES, 2003) é envolvido essencialmente o mesmo. Esses materiais fazem parte do cotidiano das crianças e podem ser usados intencionalmente ou não, de forma que contribua para desenvolver o gosto e o prazer da leitura e escrita. Um bom exemplo de um adulto leitor, certamente incentivará a formação do hábito de leitura na criança.

De acordo com Mortatti (2004), dentre os bens culturais, encontram-se a leitura e a escrita como saberes constitutivos das sociedades letradas e que devem propiciar aos indivíduos ou grupos sociais não apenas acesso a elas, mas também participação efetiva na cultura escrita.

Leitura e escrita são processos distintos que envolvem diferentes habilidades e conhecimentos, bem como diferentes processos de ensino e aprendizagem, e podem ser compreendidos em uma dimensão individual e em uma dimensão social. Trata-se de numerosos conjuntos de habilidades e conhecimentos lingüísticos e psicológicos, variados e radicalmente diferentes entre si, com formas de uso também diferenciadas em relação a uma diversidade de materiais escritos (p.100).

A alfabetização é a capacidade de codificar e decodificar as letras e seus sons. Assim, o indivíduo alfabetizado consegue ler e escrever com autonomia textos que circulam na sociedade. O letramento vai muito mais além, é a capacidade de compreender e fazer correlações entre o texto lido e suas experiências vividas. Significa interagir com a sociedade por meio dos textos em circulação, o que exige uma capacidade de raciocínio muito maior.

Acredita-se na prática que contemple a alfabetização e o letramento simultaneamente, que busque auxiliar o aluno na aquisição do sistema alfabético de escrita e sua inserção social, por meio das práticas de letramento, de acordo com a realidade em que vive.

É comum encontrarmos nas salas de aula, crianças desmotivadas e sem incentivo de estudar. A origem desses problemas pode estar além dos muros da escola, pois os alunos demonstram o que vivenciam em seu dia a dia. Não que isso seja uma regra, mas crianças que vivem em um ambiente que usa a linguagem escrita com maior frequência e a valoriza, podem se sentir estimuladas para aprender a ler e a escrever. Em contrapartida, crianças que convivem com pessoas que fazem um uso mais restrito da linguagem escrita, limitando-se a escrever o próprio nome ou pequenos recados, podem se sentir desmotivadas e desinteressadas, por acharem esquisito e desnecessário o modo como a escola lida com a leitura e a escrita.

A família que antes era responsável pela alfabetização de seus filhos, aos poucos foi perdendo essa função, sobretudo com o acesso e a democratização do ensino. Atualmente, pais e mães estão muito mais preocupados com a luta pela sobrevivência da família em meio às injustiças e desigualdades sociais, do que com a educação de seus filhos. Em consequência disso, delegam quase que totalmente à escola essa responsabilidade.

Observar o contexto extra escolar do aluno e os fatores que interferem em seu processo de alfabetização propicia novas perspectivas. Há muita expectativa com relação ao desempenho da criança? Há sonhos para o futuro dessas crianças cujo pano de fundo seja a educação ou a aprendizagem mínima é suficiente, uma vez que é o necessário para passar de ano? Ter o ensino fundamental já é muito, considerando-se que as duas gerações anteriores eram analfabetas? Quem são as crianças que queremos alfabetizar? Em que contexto social elas se inserem? Quais suas experiências de vida, luta, trabalho? As brincadeiras de que gostam? Como se relacionam com a natureza? Que significado atribuem à escola? Quem são (como vivem, em que trabalham) suas famílias? Estes e outros possíveis questionamentos são cruciais para que possamos desenvolver práticas educativas contextualizadas. Tais aspectos

não podem ficar alheios quando se propõe uma concepção de alfabetização que conduza à consciência crítica.

Partindo do princípio de que não existe infância generalizada, mas experiências concretas de vida, situadas nos mais diferentes tempos e espaços socioculturais, é no cotidiano das relações de trabalho, convívio social e com a natureza que os homens do campo constroem suas identidades e criam suas crianças, que, como sujeitos históricos, são determinadas por um conjunto de relações sociais, econômicas e culturais da sociedade em que vivem.

“Assim, a vocação do homem é a de ser sujeito e não objeto (...), não existem senão homens concretos (‘não existe homem no vazio’). Cada homem está situado no espaço e no tempo, no sentido em que vive numa época precisa, num lugar preciso, num contexto social e cultural preciso. O homem é um ser de raízes espaço-temporais.”
(FREIRE, 1980: 34)

A cultura letrada em vários espaços no campo, especialmente nas áreas rurais, ainda tem baixa circulação. Não vemos, com frequência, em muitas áreas, notícias serem veiculadas por meio escrito, como jornais, revistas ou folhetos de propaganda de estabelecimentos comerciais; placas indicativas de trânsito existem apenas nas pistas principais e asfaltadas; os meios de transporte não precisam, via de regra, de identificação escrita, uma vez que são poucos e conhecidos pelos moradores.

Para KLEIMAN (2005), as práticas sociais de letramento fora da escola, têm objetivos relevantes para os participantes da situação, enquanto as práticas escolares de letramento visam o desenvolvimento de competências e habilidades no aluno, podendo ou não ser relevante para ele. Ainda segundo a autora, essa diferença afeta as relações do estudante com a escrita e é uma das razões pelas quais a língua escrita é uma das barreiras difíceis de serem transpostas por alunos que pertencem a comunidades em que a língua escrita é pouco utilizada.

O rádio e a televisão são os meios de comunicação mais utilizados como veículos de acesso à informação. A linguagem informal utilizada no primeiro diverge da linguagem transmitida pela televisão ou presente nos textos escritos.

Em contextos de lazer, as tradicionais festas populares, das quais as crianças participam entusiasmadas, transmitem valores, experiências sociais, valorizam os símbolos culturais dos povos do campo e são ricas em oralidade, mas muito pouco se usa leitura e escrita.

Nas brincadeiras infantis, o espaço, a fala, o movimento dos corpos, são amplos e dinâmicos. No entanto, as atividades sociais de lazer que envolvam a leitura e escrita se apresentam com pouca frequência nas regiões rurais.

Na realização do seu trabalho, o homem do campo muito pouco utiliza a linguagem escrita, até porque esse tipo de conhecimento é dispensável à execução de suas atividades.

Um maior contato com a cultura letrada está presente na zona urbana, onde as crianças vivem rodeadas por textos escritos com diferentes finalidades. Mesmo em menor escala que nas grandes cidades e capitais, nas sedes dos pequenos e médios municípios geralmente existe um comércio mais ou menos desenvolvido, uma circulação maior de pessoas, de fontes de informação, diversificações de funções de trabalho, uma administração pública com suas instituições e funcionalismo, igrejas com seus folhetos de orações, etc. Isso faz com que ela levante hipóteses sobre o funcionamento e o uso do sistema alfabético de escrita, para posteriormente apropriar-se dele.

As crianças enquanto seres pensantes refletem e constroem conhecimentos sobre diversos aspectos do mundo em que vivem, inclusive sobre a linguagem escrita ou sobre o sistema numérico, muito antes de chegar à escola.

“Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram alguma experiência com quantidades – tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Consequentemente, as crianças têm a sua própria aritmética pré-escolar (...).” (VIGOSTSKY, 2007: 94).

O trabalho didático deve ser organizado de modo que contemple as singularidades da cultura produzida em cada comunidade, atrelada à garantia dos direitos de aprendizagem de cada criança, favorecendo a construção de sua identidade cultural e social.

A alfabetização é um processo que amplia o leque cultural do aluno, no qual ele vai conhecer bem o seu contexto, mas também deve ter acesso a outras práticas sociais diferentes e/ou comuns à sua realidade.

3. METODOLOGIA

Na busca para atingir os objetivos esta pesquisa tem cunho qualitativa, utilizando como procedimentos a entrevista semi-estruturada e a análise de documentos. As entrevistas semi-estruturadas constituem-se de perguntas abertas, permitindo que o sujeito discorra sobre o questionado, tendo ele fluência na escrita ou não, além de favorecer aprofundamento dos tópicos abordados e permitir respostas espontâneas, podendo o entrevistador abordar temas delicados, caso acredite ser necessário (BONI e QUARESMA, 2005).

A análise documental será utilizada buscando a complementação e validação das informações obtidas através da entrevista, sendo utilizadas como fontes, quaisquer tipos de registros que contenham informações sobre o problema de pesquisa.

Etapas do estudo:

- 1) Elaboração dos pressupostos teóricos;
- 2) Caracterização da escola através da análise de documentos;
- 3) Organização das entrevistas a serem realizadas em dois momentos: primeiramente com os familiares responsáveis pelos alunos e depois com os próprios alunos.
- 4) Análise dos dados.

A realização desta pesquisa ocorreu de acordo com a resolução de nº 196/96, observando-se os preceitos da ética e mantendo-se sigilo quanto à identidade dos sujeitos pesquisados. A entrada no campo deu-se mediante termo de autorização assinado pela diretora da escola e as entrevistas foram realizadas após assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido, no qual o convidado recebeu informações sobre a importância do estudo, a garantia do anonimato e a liberdade de desistir em qualquer etapa.

Foram convidados a participar da pesquisa um universo constituído por 16 pais e/ou responsáveis pelos alunos, e os 18 alunos devidamente matriculados na turma do terceiro ano A, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Ferreira da Costa. Entretanto, apenas 9 responsáveis e 10 alunos compareceram à realização das entrevistas. Alguns justificaram-se pela questão da dificuldade de deslocamento e tempo disponível.

Nesse sentido, foram analisadas as falas desses 19 sujeitos, das quais retiramos as mais emblemáticas que atendem aos objetivos da nossa pesquisa e nas quais encontramos vários pontos em comum. Escolhemos aleatoriamente cinco sujeitos de cada grupo, aos quais foram dados nomes fictícios, para detalhar de forma mais minuciosa um pouco de sua história com o

intuito de melhor compreender como suas experiências concretas de vida colaboraram na formação de suas concepções. Posto que todos os demais pertencem ao mesmo grupo sociocultural e portanto tiveram vivências bem semelhantes, consideramos desnecessário repeti-las.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES:

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA CAMPO DE PESQUISA

Pretende-se aqui fazer uma caracterização da escola, campo de pesquisa, e do contexto, social e cultural em que se insere.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Ferreira da Costa, está localizada no Sítio Lajedo Grande, na zona rural do município de Picuí, Paraíba.

Foi inaugurada no dia 31 de março de 1971, e instituída através do decreto municipal nº 50/79 de 04/12/79 com o nome Grupo Escolar 31 de março devido à data de sua inauguração. Em 1992, um representante da comunidade na câmara municipal apresentou um projeto de lei para modificar o nome da escola, com o intuito de homenagear o seu avô que havia sido um proprietário de terras com grande influência local. Assim a escola recebeu uma nova nomenclatura: Escola Municipal de 1º grau Antônio Ferreira da Costa. Inicialmente, a escola funcionava no sistema multiseriado de ensino, que juntava alunos do 1º ao 5º ano em uma única turma. Somente em 2008, 37 anos após a fundação, a escola passou a oferecer o ensino infantil e o sistema seriado de ensino do 1º ao 5º ano, através de um processo de nucleamento das escolas mais próximas. Nessa perspectiva, a gestão do município em acordo com os pais decidiram fechar as escolas mais próximas e deslocar os alunos para essa escola, onde teriam um ensino de melhor qualidade, uma vez que ficariam separados por séries de acordo com a faixa etária e o nível de saberes.

Atualmente, a escola funciona de acordo com o ensino fundamental de nove anos e atende a 186 alunos, de diversas comunidades do campo, sendo que 46 são crianças que frequentam o ensino infantil no turno vespertino e 140, os anos iniciais do ensino fundamental, no turno matutino. A escola oferece também reforço escolar, com atendimento pedagógico individualizado para os alunos com dificuldades de aprendizagem, no contra turno.



Figura 1: Fachada da escola

Com relação às instalações físicas, a escola possui 4 salas de aula, 4 banheiros para os alunos, 1 secretaria, 1 laboratório de informática (com seis computadores), 1 pequeno pátio coberto, 1 cozinha (com um freezer, um armário, dois fogões e duas geladeiras) e 1 dispensa. Os espaços em sua maioria estão inadequados, não existe acessibilidade para crianças com algum tipo de deficiência física e a escola não dispõe de diversos ambientes que se fazem extremamente necessários para o bom funcionamento a exemplo de uma biblioteca, sala de professores, banheiro de uso exclusivo para funcionários, ambiente para recepção e acolhimento de familiares, quadra de esportes, refeitório, etc.



Figura 2: Laboratório de informática



Figura 3: Sala de aula com seu mobiliário escolar

Nas escolas do campo é comum os alunos utilizarem o espaço externo da escola para realizarem atividades recreativas, no entanto, nesta escola isso não é possível uma vez que está localizada à beira da estrada, onde há movimento de veículos e portanto não há segurança para utilização constante desse espaço, nesse sentido não existe um lugar adequado para as crianças brincarem. Vale salientar também que o laboratório de informática é um avanço tecnológico significativo disponível na escola, contudo, não contribui para a plena inserção do educando na cultura digital, uma vez que o número de computadores é insuficiente à demanda e ainda não há conexão à internet. O uso dos computadores limita-se aos softwares educativos que os mesmos possuem.

Os recursos didáticos que esta escola possui são datashow, televisão, caixa amplificadora e microfones, computadores e impressoras, livros, mapas, jogos didáticos, dentre outros.

A equipe gestora é formada por uma diretora (que é membro da comunidade local e já trabalha na escola à 30 anos), uma supervisora escolar (responsável pelo ensino fundamental) e uma coordenadora pedagógica (responsável pelo ensino infantil), todas elas graduadas em pedagogia, além de uma orientadora educacional.

O corpo docente é constituído por 8 (oito) professores, todos com licenciatura plena em pedagogia, sendo que 2 (dois) deles são especialistas em educação. Os professores com jornada de trabalho ampliada, possuem uma carga horária de 40 (quarenta) horas semanais, sendo 20 (vinte) horas/aulas, 3 (três) horas de trabalho pedagógico coletivo, 10 (dez) horas/aulas de atendimento pedagógico e as demais, para o planejamento diário de aulas e atividades pedagógicas. Os demais professores tem uma jornada de 30 (trinta) horas semanais.



Figura 4: HTPC- Horário de trabalho pedagógico coletivo com a participação da equipe gestora

A equipe de apoio é constituída por 1(um) agente administrativo, 1(um) inspetor escolar, 2 (dois) auxiliares de ensino e 2 (dois) auxiliares de serviços gerais.

Os recursos financeiros que a escola dispõe no ano em exercício são: Programa dinheiro direto na escola (PDDE) e Programa de desenvolvimento da escola do campo (PDE campo). Estes, são utilizados para a aquisição de materiais didáticos(permanentes e de consumo) necessários para o trabalho pedagógico, materiais de limpeza e pequenos reparos na estrutura física da escola. A escola também possui um Conselho escolar constituído por diretorias administrativa, fiscal e deliberativa, com representação de alunos, pais, professores e funcionários em todos os segmentos.

4.1.1 A COMUNIDADE ESCOLAR

As pessoas da comunidade sempre residiram na área rural e na sua grande maioria são agricultores e pequenos pecuaristas que devido à escassez das chuvas, tiveram que abandonar essas atividades e sobrevivem atualmente trabalhando em casas de família, cerâmicas e pedreiras, além de serem beneficiários de programas do governo federal, como o Bolsa família por exemplo. Essas pessoas não tiveram a oportunidade de concluir a educação básica, uma vez que tiveram uma infância marcada pela exploração do trabalho infantil e pela falta de oportunidades. Muitos são analfabetos funcionais e alguns não sabem sequer escrever o próprio nome.

Nas imediações da escola, existem três igrejas (uma católica e duas evangélicas) que são bastante freqüentadas pelos alunos e seus familiares. Também há uma agroindústria de polpa de frutas (que no momento está parada) e um centro social na comunidade vizinha do Mari Preto, que este ano também passou a ser atendida pela escola. Existe uma parceria

firmada entre a escola e essas instituições e sempre que é necessário, os representantes desses locais cedem seus espaços para realização de eventos e reuniões que não seriam possíveis no espaço físico da escola.

A equipe escolar sempre promove eventos pedagógicos e culturais que permitem o contato entre pais e professores, favorecendo a interação com toda a comunidade. Os familiares geralmente comparecem e participam dos eventos para os quais são convidados demonstrando satisfação com os resultados da escola. Os pais sempre são informados sobre os resultados obtidos por seus filhos nas avaliações e incentivados a acompanharem suas atividades de casa bem como o desenvolvimento de sua aprendizagem.



Figura 5: Reunião de pais e mestres que ocorrem periodicamente após o término de cada bimestre



Figura 6: Apresentação dos alunos na mostra cultural da escola realizada com a participação de toda a comunidade escolar

4.1.2 PERFIL DA TURMA

A turma do terceiro ano do ensino fundamental é formada por dezoito alunos, sendo oito meninas e dez meninos, dentre eles um aluno especial portador de retardo mental moderado. A maioria são novatos na série e estão na faixa etária desejável para a série, que é de nove anos. No entanto há três alunos repetentes que estão em situação de distorção idade/série. Dois deles são alunos que apresentam dificuldades para cumprir regras, são desmotivados, desassistidos pela família e não valorizam a cultura escolar haja vista que não conseguem alcançar o mesmo nível de aprendizagem dos demais, e por isso geram barulho e constantes conflitos dentro da sala, o que acaba comprometendo ainda mais sua aprendizagem. Os demais alunos formam um grupo participativo e em termos de aprendizagem, encontram-se em níveis semelhantes de saberes.



Figuras 7 e 8: Atividade coletiva utilizando material concreto na turma do 3º ano da EMEF

Antonio Ferreira da Costa

4.2 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES:

Os dados coletados nesse estudo foram analisados mediante o uso da técnica de análise de conteúdo, com o intuito de verificar e compreender sob a forma de comunicação oral, o que pensam os sujeitos sobre leitura e escrita, alinhando essas falas aos referenciais teóricos que permearam esse estudo. Sendo assim, na busca por atingir os objetivos propostos e facilitando a interpretação, foram estabelecidas quatro categorias para realização dessa análise. Mas antes de nos determos à essas categorias, apresentamos uma visão geral dos sujeitos pesquisados, suas experiências de vida e concepções.

Todos os pais e responsáveis pesquisados são pessoas que nasceram na zona rural e desde então lá residem. Muitos tiveram uma infância marcada por grandes desafios como a seca e a fome. Tiveram que enfrentar o trabalho infantil, pois pertenciam geralmente à famílias grandes e pobres, e tinham que ajudar os pais na labuta diária pela sobrevivência da família. Uma das principais características é também comum a todos os sujeitos: o baixo nível de escolaridade que possuem, haja vista que a prioridade da época em que eram crianças era o trabalho e seus pais pouco valorizavam a cultura escolar. Muitos são analfabetos, sem saber assinar o próprio nome. Outros conseguiram matricular-se nas instituições regulares de ensino mas a frequentaram por um período tão mínimo que não foi possível alfabetizá-los plenamente. São capazes de comunicar-se com outras pessoas através de textos curtos mas utilizam unicamente a linguagem informal típica do local. Há aqueles pouquíssimos que conseguiram chegar à segunda fase do ensino fundamental, mas desistiram e abandonaram a escola porque não dava pra conciliar com o trabalho que tinham que realizar. Um outro fator determinante e que certamente contribuiu para essa evasão escolar, é o fato de terem se casado aos catorze ou quinze anos, no caso das mulheres e aos dezessete ou dezoito anos, os homens. Fora da escola, essas pessoas cresceram aprendendo apenas aquilo que era vivenciado por sua família. Certamente a leitura e a escrita não era tão presente na vida dessas pessoas, haja vista que ter o direito de aprender a ler e a escrever não era para qualquer um e morando na zona rural as coisas se tornavam mais difíceis ainda pela questão da falta de escolas, de transportes, de materiais, etc. Para trabalhar no roçado, não precisavam de leitura muito menos de escrita, apenas força e disposição física. Toda essa rotina contribuiu significativamente para a formação de suas concepções sobre leitura e escrita, e conseqüentemente essas concepções causam impactos sobre o que ensinam hoje aos seus filhos. Para a maioria deles, a leitura é a grande esperança de ter um futuro melhor para seus

filhos, pois a leitura trás o conhecimento que por sua vez torna-o capaz de arrumar um bom emprego e ter uma vida melhor. Deixam claro que qualquer que seja a profissão que o filho escolha (menos agricultor), é necessário saber ler e escrever. É nítido que não sentem-se realmente felizes e realizados pela profissão que escolheram, sobretudo quando passam por longos períodos de estiagem, nos quais ficam impossibilitados de trabalhar, e normalmente sentem-se desvalorizados pela sociedade. Para eles, o fato de não terem se escolarizado é o grande responsável pela falta de melhores oportunidades na vida.

Quanto aos alunos, nasceram na cidade mas residem desde o nascimento na zona rural e passam por uma infância com uma nova cara, bem diferente daquela vivida por seus pais. Todos têm acesso à escola e a frequentam com assiduidade, só perdem aula quando é extremamente necessário como em um caso de doença. Todos são oriundos de famílias beneficiadas por programas do governo federal de transferência condicionada de renda, o bolsa família. Certamente esse programa não resolveu a questão do trabalho infantil, contudo causa atualmente um grande impacto sobre a frequência escolar, haja vista que esta é uma das condições para o recebimento do benefício. Não podemos afirmar que este seja o principal objetivo de mantê-los na escola, pois as expectativas com relação ao futuro das crianças ultrapassam os limites da educação básica obrigatória. O fato é que temos uma nova geração sendo formada, na qual a leitura e a escrita estão cada vez mais em foco. Embora existam vários fatores que interferem na alfabetização em massa dessas crianças na idade desejável, como a formação docente precária, a falta de investimentos, a inadequação da estrutura física da escola e as famílias com problemas diversos, a maioria deles aprenderam a ler e escrever até os oito anos e muitos, auxiliam seus pais não alfabetizados à fazerem uso da linguagem escrita no seu cotidiano. Contudo não basta ensinar-lhes a ler e a escrever, é preciso ir além. Conforme afirma SOARES (2006), é preciso oferecer a essas crianças condições para ler e escrever pois sem o acesso ao material impresso é impossível tornar-se letrado. Nesse sentido é necessário criar condições para que essas crianças ora alfabetizadas, possam estar imersas em ambientes de letramento, para que possam entrar no mundo letrado, ou seja, num mundo em que as pessoas as pessoas têm acesso a leitura e à escrita, têm acesso à bibliotecas, revistas, livros e jornais.

4.2.1 O QUE PENSAM SOBRE LEITURA E ESCRITA

Pretende-se aqui explicitar como os sujeitos concebem a leitura e a escrita, evidenciando-se a importância que ela tem em suas vidas, e como eles entendem que a leitura pode contribuir com o seu crescimento pessoal e profissional.

“[...]A leitura é importante demais porque através disso se aprende muita coisa e arruma um emprego”[...] (Júlia, Mãe de aluno)

Júlia tem dois filhos, mora na comunidade rural, nas proximidades da escola em que seu filho estuda. Ela e seu esposo são agricultores, mas ela também trabalha vendendo produtos para ajudar a aumentar a renda da família, mas não considera suas atividades como um bom emprego. Júlia não frequentou a escola como deveria pois segundo a mesma, quando criança, ela e seus irmãos tinham que trabalhar para ajudar seus pais a colocar o alimento dentro de casa, e só iam à escola no máximo duas vezes por semana, por isso nenhum de seus irmãos conseguiram estudar. Como Júlia não consolidou os conhecimentos básicos que lhe dessem suporte para se tornar uma leitora/escritora competente, sempre que precisa fazer quaisquer anotações, seja de sua atividade como negociante ou seja necessidade pessoal, solicita ajuda dos filhos pois se ela escreve, só ela mesma entende.

O termo competência é utilizado neste trabalho a partir da visão da linguística aplicada que pensa no conhecimento linguístico além da decodificação, como expresso no conceito de Matencio (s/d, p.06), que define competência comunicativa como “capacidade de interagir em diferentes situações de interação e, portanto, de produzir/receber textos” (MATENCIO, s/d, p.06). Tal conceito envolve o conhecimento gramatical em um contexto envolto de normas estabelecidas pela sociedade e sua cultura, envolvendo portanto, conhecimentos linguísticos e socioculturais.

Sua filha mais velha, parou de estudar no ensino médio porque aos 16 anos, resolveu se casar com o primeiro namorado. Conta Júlia, que apesar de todo incentivo que recebeu da família ela deixou de estudar, pois não valorizava esse tipo de saber. Seu filho mais novo, continua estudando e apresenta uma certa dificuldade no manejo da linguagem escrita, lê tudo o que vê em casa, mas na escola não se interessa espontaneamente pela leitura, limitando-se a ler apenas aquilo que a professora propõe para a realização de alguma atividade escolar. Certamente, não faz relação entre o que se estuda na escola e o que é vivenciado em casa por sua família. Júlia não tem o hábito de ler mas acredita que a leitura é o trampolim para o desenvolvimento de diversas aprendizagens e conseqüentemente, caminho certo para ter um bom lugar no mercado de trabalho.

Apesar de dar grande importância à leitura, ela ainda não é uma prática presente na vida e no contexto dessa família, que exige grande esforço e dedicação para se concretizar. O poder comunicativo da linguagem não é evidenciado e o trabalho do professor deve priorizar além da transmissão dos conhecimentos linguísticos a descoberta da função comunicativa da linguagem escrita em uma sociedade letrada.

“[...]Ler pra mim é uma coisa muito importante porque você sabe, até pra pessoa ser um gari de rua tem que ter a leitura porque se não tiver não dá certo[...]” (Maria, mãe de aluno).

Maria é mãe de duas filhas em idade escolar sendo que a mais velha, ainda menor de idade, já abandonou a escola para se juntar com um rapaz da comunidade e a mais nova, que estuda atualmente o 3º ano, destaca-se na sua turma por apresentar um ótimo desempenho escolar, sobretudo com relação à linguagem. Ela é uma frequentadora assídua dos cantinhos de leitura existentes na escola e sempre leva livros para casa. Maria também não concluiu o ensino fundamental, parou de estudar na segunda série, e não tem domínio no uso da leitura, afirma que “sabe ler, mas é bem pouquinho”. Essa mulher tem dois exemplos dentro de casa que vão de um extremo à outro: Enquanto uma filha não valoriza a educação formal, a outra se empenha e busca sempre mais adquirir conhecimentos. Nesse sentido, ela busca incentivá-la sempre mais, para que possa ter um futuro diferente do que ela e sua irmã mais velha tem, haja vista que ambas optaram pelo trabalho imediato na agricultura em detrimento do seu desenvolvimento acadêmico. Apesar de estar inserida em um contexto familiar bastante conturbado em termos de cultura escrita, sua busca pelo conhecimento contribui significativamente para o desenvolvimento do letramento, haja vista que enquanto ela lê além daquilo que é exigido pela escola, favorece o seu crescimento pessoal, intelectual além de ampliar o seu leque cultural, na medida em que conhece outras realidades diferentes da sua. “[...]A gente precisa aprender a ler e a escrever para arrumar um bom emprego quando crescer[...]” (aluno).

Na fala desses sujeitos percebe-se que os mesmos reconhecem a importância que a leitura tem em suas vidas como porta de acesso para novas descobertas e construção de diferentes conhecimentos. Contudo, há uma correlação entre o domínio da leitura e escrita e a inserção no mercado de trabalho, ou seja, aprender a ler e escrever com autonomia é pré-requisito primordial para obtenção de um trabalho. Esse pensamento é comum em uma sociedade capitalista que através de seus aparelhos ideológicos transmitem esse ideal que o crescimento pessoal dá ao indivíduo uma capacidade maior de poder de consumo, ou seja,

quanto mais se aprende, melhor será a oportunidade no mercado de trabalho e consequentemente maior será a capacidade de consumir, que por sua vez acarretará aumento de produção resultando em maior lucratividade para aqueles que estão no topo do sistema. No entanto, ser um usuário competente da escrita trás vantagens que vão muito mais além. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, significa ter condição de participar efetivamente da complexa vida social, através do desenvolvimento da consciência crítica. O letramento altera a condição de vida das pessoas uma vez que muda completamente o modo como essas se relacionam com os outros e com o meio social e cultural no qual estão inseridas. Quanto maior for o nível de letramento maior será a capacidade e liberdade de compreender, interagir, refletir e transformar uma realidade.

“[...]A leitura é muito importante porque a pessoa que não sabe ler é cego, a pessoa que sabe ler quando chega vê um nome lê, e a pessoa num sabendo é difícil..”[...] (Cida, Mãe de aluno).

Cida e seu esposo são analfabetos. Nasceram e se criaram na zona rural e quando crianças passaram por grandes dificuldades, inclusive fome. Enfrentaram a dureza do trabalho infantil e não tiveram oportunidade de estudar. Em casa, não lê nada. Se chega alguma correspondência ou se precisa escrever alguma coisa, pede auxílio aos filhos. Aliás, seu maior orgulho é saber que apesar de ter constituído uma família grande, todos os seus filhos sabem ler. Ela diz que acha bonito vê-los lendo e que se considera uma pessoa “burra” porque não sabe sequer assinar o próprio nome sem dificuldade. Cida já tem filhos casados e alguns moram em cidades grandes. Apesar de não terem concluído o ensino médio, ela sente segurança pelo fato de saberem ler e escrever. Leitura e escrita são processos indissociáveis e extremamente importantes para a convivência em uma sociedade letrada. Ler é pensar, interagir, refletir e transformar. Escrever é comunicar-se com as pessoas e com o mundo através da linguagem escrita. Os indivíduos que não desenvolveram habilidades mínimas para o uso cotidiano da língua materna, possuem uma grande dificuldade para realizar várias atividades do seu dia a dia, e por isso, necessitam da ajuda de outras pessoas. Contudo, o fato de não saber ler e escrever não significa dizer que a pessoa não sabe de nada, pois existem outros saberes além do científico, como o conhecimento empírico, filosófico e o religioso, e todo eles têm a sua importância para a vida social. Esse conhecimento adquirido na sua prática social cotidiana, também é uma forma de letramento pois permite interagir de forma eficiente com a sua realidade natural (mesmo que não haja qualidade nessa interação pois o conhecimento científico está na base de grande parte das opções pessoais que a prática social

exige), e pode servir de suporte para auxiliar no letramento dos filhos. Nesse sentido é interessante que a escola desenvolva projetos e ofereça oportunidades que possam explorar e valorizar o conhecimento que essas famílias trazem construídos favorecendo assim a interação entre família e escola e estimulando-os a buscar o conhecimento científico.

“[...]A leitura é importante, com certeza, porque a gente tem que saber ler as coisas quando vai assim pra algum canto a gente não súbber ler a gente não sabe andar.”[...] (Mãe de aluno).

Diante do exposto percebe-se que essas pessoas compreendem o poder comunicativo que a linguagem escrita exerce no nosso cotidiano. Ao afirmarem que o manejo pessoal com a leitura e a escrita é fundamental para o desempenho de diferentes funções desde as mais simples como ler uma palavra, às mais complexas como fazer uma viagem, elas demonstram entender que estão inseridos em uma sociedade letrada na qual circula o material escrito e está presente na rotina da pessoas. A primeira fala foi muito feliz ao comparar a pessoa que não sabe ler com uma pessoa que não enxerga, haja vista que ambos dependem da ajuda de outras pessoas para conseguirem realizar determinadas atividades, e no primeiro caso, a compreensão da realidade será de acordo com a leitura que o outro fizer.

“[...]Ler é muito importante porque se não fosse a leitura os meninos não aprendiam. A gente lê para se divertir e também para se informar das coisas. Escrever é muito legal as pessoas escrevem para dizer alguma coisa a outra pessoa. Ler e escrever mudou tudo na minha vida”[...] (Jane, aluna)

Jane é uma aluna de destaque na sua sala de aula, devido à grande importância que dá à leitura. Busca espontaneamente na leitura diversão, informação e novas aprendizagens. Escrever também é uma paixão, e sua desenvoltura com relação à compreensão do poder comunicativo bem como suas habilidades com o uso da linguagem oral e escrita chamam atenção devido à sua faixa etária. Ela não se limita a ler ou escrever apenas aquilo que é solicitado na escola e em casa possui um pequeno acervo de livros que lhe foram doados, quando fechou uma escola que havia perto de sua casa, portanto, leitura e escrita geralmente fazem parte de suas brincadeiras. Jane é assídua, participativa e muito responsável com seus estudos.

Nessa perspectiva, podemos compreender a leitura com uma concepção que ora tem características lúdicas, quando se busca nela a diversão e o entretenimento, e ora mais séria, quando se busca a informação e a construção de novos conhecimentos. De fato esses dois

tipos de leitura existem e são igualmente importantes para o letramento e o desenvolvimento acadêmico do aluno.

Para Mortatti (2004) a leitura e a escrita são saberes constitutivos das sociedades letradas as quais devem propiciar aos indivíduos não só o acesso como também a participação na cultura escrita. Sabe-se que através do uso competente da linguagem oral e escrita é que se pode falar e escrever com clareza, ler e compreender não só o que está escrito no papel, como também o que tem por trás, nas entrelinhas, obter informações necessárias, comunicar-se por escrito com as pessoas e divertir-se lendo um livro. Para o acesso ao conhecimento científico a leitura e a escrita são imprescindíveis haja vista que é por meio dela que são registrados a maioria dos conhecimentos já produzidos, então conforme afirmado pelo entrevistado, é impossível haver aprendizagem no âmbito escolar se não for através da leitura.

4.2.2 USO DE LEITURA E ESCRITA NA VIDA COTIDIANA:

Essa categoria visa colocar em relevo de que formas os sujeitos fazem uso da linguagem escrita em seu dia a dia, tendo ou não domínio da língua escrita.

“[...]Às vezes minha mãe tá doente aí eu preciso ler o nome do remédio”[...] (aluna);
“[...]minha irmã quando eu arengo aqui na escola que vocês manda o bilhete ela é quem lê, tudo que mandar pra lá ela lê pra papai[...]”.(Júnior, Aluno)

Júnior tem doze anos e ainda não sabe ler e escrever com autonomia. Sua história de vida é marcada por grandes problemas de ordem familiar. Seu pai o gerou fora do casamento e sua mãe é dependente de álcool. Atualmente, por decisão judiciária, ele está sob a guarda do pai com sua primeira mulher, convivendo com seus irmãos e sobrinhos dessa primeira família. Devido à esses problemas que o mesmo enfrentou, ele ficou dois anos sem estudar e apresenta um péssimo comportamento na sala de aula. Tem dificuldades para cumprir regras e respeitar os outros, além de mostrar-se desmotivado e desinteressado pelo seu desenvolvimento acadêmico. Seu maior sonho é trabalhar nas cidades mais próximas, em restaurantes, porém mesmo sabendo que aprender a ler e a escrever é imprescindível para a concretização desse sonho, não faz o menor esforço para conseguir atingir esse nível de alfabetização. Não é assíduo e não tem compromisso com as atividades escolares. Em casa, a responsabilidade por ler e escrever o que for preciso na rotina da família, é da irmã mais velha ou da sobrinha (filha

dela, que aos sete anos já sabe ler e escrever) pois o pai também não é alfabetizado, e também não valoriza a cultura escolar.

“Minha mãe quando é na sexta-feira, ela faz a lista de compras pra papai que ele não se lembra o que é para comprar.”(Vitória, aluna)

Vitória é uma aluna exemplar. Ela e seus pais demonstram dar enorme valor à cultura escolar apesar de não terem concluído a educação básica. A leitura faz parte de suas rotinas. Apesar de morarem na zona rural, onde a linguagem escrita tem baixa circulação, sempre que têm acesso, lêem jornais, revistas e livros. Os jornais e as revistas, eles trazem quando vão na rua, e os livros ela leva emprestados da escola. Tanto ela quanto os pais, costumam ler tudo o que pegam e geralmente escrevem para organizar sua vida ou mandar mensagens para outras pessoas. O pai estudou até o quinto ano e hoje trabalha em uma pedreira e na agricultura. A mãe estudou até o sétimo ano, parou de estudar com quinze anos, quando se casou, trabalha somente em casa, com a agricultura. Mas Vitória tem o sonho de ser médica e dedica parte do seu dia pra estudar e ler, muitas das vezes junto com os pais, pois sabe que seu sonho só será possível mediante muito estudo. Nesse contexto, a leitura e a escrita assumem um papel de grande relevância para o dia a dia da família bem como para atingir as expectativas para um futuro promissor, superando dificuldades e derrubando as barreiras da falta de acesso à materiais escritos. A escola da comunidade, apesar de não oferecer um espaço físico adequado para as atividades de leitura onde se possa contar com um bom acervo, é uma grande aliada nesse processo de busca por conhecimento, haja vista que não existe outro local mais próximo que permita o acesso a livros, jornais e revistas.

“[...]Só sei fazer o meu nome se for olhando por outro..Quando é pra escrever um recado pra uma pessoa, eu vou dizendo e ele vai escrevendo[...].”(Rita, mãe de aluno)

Rita não sabe ler nem escrever. Até teve a chance de frequentar a escola quando criança, mas não valorizava esse tipo de cultura e também não recebia incentivo por parte de sua família para continuar estudando, então decidiu abandonar a escola e dedicar-se ao trabalho agrícola. Hoje ela se sente arrependida e deseja que seus filhos tenham uma vida melhor e bem diferente da dela. Por esse motivo, participa ativamente da vida escolar deles, e mesmo sem ter habilidades com a linguagem escrita, ela acompanha a realização das atividades de casa. Enquanto ouve as leituras diversas que seus filhos e/ou outros leitores experientes fazem, ela vai desenvolvendo também suas hipóteses quanto ao funcionamento do nosso sistema de escrita e suas diversas formas de utilização. Isso lhe possibilita saber

escolher o tipo de texto que vai atender à sua necessidade, mesmo sem saber nem escrever o próprio nome.

O convívio diário com pessoas que fazem uso da leitura e da escrita para interagir com a sociedade permite que o sujeito entre no mundo da escrita mesmo que não tenha autonomia para ler e escrever textos. No nosso cotidiano são muitos os motivos que nos levam à ler ou escrever algo, pois estamos rodeados por escritos urbanos, domésticos, científicos, literários, de máquinas interativas, enfim de variados gêneros textuais que circulam nas várias esferas sociais. Para Bernardin (2003) a entrada na cultura escrita não se limita à apropriação do sistema de escrita alfabética, exige e constitui posteriormente um domínio simbólico, reflexivo e consciente, que modifica a relação do sujeito com a própria linguagem e com o mundo através do desenvolvimento das capacidades do pensamento questionador e transformador. O adulto ou a criança que ainda não é um leitor/escritor competente, se apropriam desse universo letrado ao ouvirem ou verem textos lidos/escritos por outras pessoas, como acontece no jornal televisivo, nos noticiário da rádio, quando alguém na família recebe ou escreve uma correspondência, convite, mensagens, quando se compra um eletrodoméstico, se lê um receituário médico, quando se prepara uma receita culinária ou simplesmente se procura um contato em uma agenda de um telefone móvel, enfim, são muitas as situações na rotina das pessoas em que o uso da linguagem está presente. Conforme Soares (2006) alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever e letrado é o sujeito que, além de saber ler e escrever responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita. Nesse sentido, é possível que alguém tenha um certo desenvolvimento de letramento, ainda que não seja alfabetizado ou um alfabetizado que não é letrado. Percebe-se nas posições desses sujeitos um certo grau de letramento na medida em que se mostram capazes de selecionar o que devem escrever ou ler em determinado momento para atender uma finalidade. Eles demonstram reconhecer que o uso da linguagem escrita acontece dentro e fora da escola. Entretanto, alguns dos pesquisados não compactuam desse conhecimento. Conforme mostram os recortes das falas apresentadas abaixo, alguns só consideram relevantes as leituras relacionadas ao âmbito escolar:

“[...]Em casa eu leio e escrevo a atividade de casa ou um livro da escola, quando eu levo[...]” (Aluno)

“[...]Em casa eu leio uns textos e outras coisas no livro de histórias, de ciências e de português e tem vez que é nos cadernos[...] (Aluno)

“[...]Eu não tenho muito tempo pra ler, mas quando dá um tempinho assim eu gosto muito de ler blíblia[...]”(Ana, Mãe de aluno)

Ana também abandonou a escola por ter se casado cedo e sente uma enorme dificuldade por não conseguir arrumar um emprego. Considera que leva uma vida sofrida e que às vezes se desespera por não ter um trabalho fixo. Seu esposo trabalha em uma cerâmica e ela é agricultora, estudou até o sétimo ano e assim como as demais famílias, é beneficiada pelo programa de transferência condicionada de renda do governo federal, o bolsa família. Quando não tem trabalho ela passa horas na frente da televisão ou ouvindo rádio que são os principais meios de entretenimento da família. Nota-se que apesar de não se sentir feliz com a situação em que vive e com a profissão que tem, ela nada faz para mudar, ou seja, fica no comodismo da política assistencialista e não procura melhorar. Relata que não tem tempo para ler, mas é grande o consumo televisivo. Esse paradoxo influencia diretamente na sua visão de mundo, pois a mídia é um veículo de manipulação em massa, cujas idéias veiculadas atendem aos interesses da classe dominante. Apesar de ser uma forma de lazer e fonte de informação bastante acessível do ponto de vista econômico, é preciso ter cautela, pois um telespectador menos atento, pode formar uma opinião equivocada sobre os fatos ou ser facilmente convencido pelas informações transmitidas. Quando a criança convive com adultos que fazem uso excessivo da televisão, sente-se influenciada a também desenvolver o mesmo hábito, e isso pode trazer consequências desfavoráveis ao seu processo de alfabetização e letramento e até mesmo danos à saúde física, haja vista que quanto mais tempo dedicado à televisão, menos tempo para a leitura e para brincadeiras ao ar livre.

“[...]tenho o telefone mas num sei nem fazer uma ligação[...]”(Mãe de aluno)

O fato de residir na zona rural ou de pertencer à um grupo social menos favorecido, para alguns, pode pesar quanto ao acesso à cultura escrita e inserção social desse sujeito. No campo, os escritos urbanos praticamente não circulam, os meios de comunicação mais utilizados são a televisão e o rádio, cuja linguagem utilizada é predominantemente oral e a assinatura de jornais, revistas ou até mesmo a aquisição de bons livros não são de baixo custo. Muitos consideram relevantes a leitura mas ela não faz parte de suas rotinas. A citação da leitura bíblica que apareceu em várias falas, pode ser apenas um disfarce para a completa falta do hábito de ler, pois esse tipo de escrito exige do leitor uma diversidade de competências além de esforço cognitivo para que possam compreender o texto lido, devido à complexidade de seu conteúdo. É necessário também investimento de tempo e muita motivação para

desenvolver a prática diária de leitura. Para que se possa envolver-se completamente em uma atividade, é preciso atribuir-lhe um sentido, ou seja, um motivo e uma consequência que ela trará para sua vida. No desempenho de suas atividades agrícolas, o homem do campo costuma não valorizar o uso da linguagem escrita, por acreditar que esse tipo de saber não influenciará na sua produção final. Para KLEIMAN (2005) as práticas sociais de letramento que acontecem no âmbito extraescolar, têm objetivos relevantes para os participantes da situação, enquanto as práticas escolares buscam o desenvolvimento cognitivo que pode ou não ser importante para eles. Essa diferença entre a forma como a escola lida com a linguagem escrita e aquilo que é vivenciado pela família, pode afetar a relação entre o aluno e a leitura, sendo uma das grandes dificuldades enfrentadas durante o processo de alfabetização e letramento de crianças oriundas de meios sociais em que a língua escrita é pouco utilizada.

4.2.3 SIGNIFICADO QUE ATRIBUEM À ESCOLA:

Pretende-se aqui evidenciar como os sujeitos entendem o papel e a função social da instituição escolar em suas vidas, posto que as gerações anteriores não tiveram oportunidades de acesso, ou seja, não são escolarizados e quais as consequências que esse fato lhes trouxe pessoal e profissionalmente. Trata-se ainda da questão de valorização da cultura escolar que são transmitidos à geração atual, e que podem acabar convertendo-se em incentivos e motivação, para que seus filhos continuem estudando.

“[...]Eu sinto falta de não ter aprendido, se tivesse ficado na escola hoje eu não era analfabeta[...]”(Mãe de aluno).

O analfabetismo é uma realidade entre muitos jovens e adultos brasileiros que por diversos motivos não tiveram acesso à educação formal. Nos espaços rurais, a falta de políticas públicas que oferecessem condições mínimas para a permanência do aluno na escola como transporte, alimentação, infra estrutura, currículo adequado, atrelada à falta de valorização pela família da cultura escolar, uma vez que não precisavam de tais conhecimentos para exercerem suas atividades, fizeram com que uma geração de pessoas passassem pela vida sem frequentar a escola como deveriam. Para essas pessoas o crescimento tanto na esfera individual quanto na esfera social ficaram comprometidos porque não conseguem acompanhar as diversas atividades que demandam uma experiência maior com a linguagem escrita. Ao reconhecer que “sente falta de não ter aprendido”, a pessoa valoriza o conhecimento formal que é oferecido nas instituições de ensino, não apenas como

um meio de “ganhar a vida” no futuro, mas como uma maneira de viver melhor em uma sociedade.

“[...]Meu marido só fez a primeira série também porque naquele tempo tinha as escola mas só que agente trabalhava de agricultor aí antes de ir pra escola tinha que ir pro roçado trabalhar e quando chegava o pai dizia: olhe peça a professora pra sair cedo que é pra ir trabalhar; aí agente desistiu porque era muito cansativo pra estudar e limpar mato, apanhar feijão e essas coisas e por isso não consegui mas inclusive hoje eu já me arrependi de não ter estudado porque é muito difícil né a pessoa não pega um emprego e sofre muito[...]”(Mãe de aluno)

“[...]Eu estudei mais só ia pra escola uma ou duas vez por semana porque tinha que trabalhar no motor de agave pra ajudar a botar o comer em casa. Lá em casa tinha 12 filhos mais nenhum conseguiu estudar[...]”(Mãe de aluno)

Grande parte da população rural do nosso país, encontra-se na região Nordeste e vários fatores a distinguem desfavoravelmente das demais regiões no que se refere ao desenvolvimento social. Entretanto, nenhuma dessas características é mais representativa do que o baixo índice de escolaridade das pessoas. Conforme foi colocado pelos sujeitos da pesquisa, o trabalho e a colaboração nas atividades produtivas da família eram prioridades absolutas em detrimento da educação formal, que por sua vez também não era acessível, pois não havia a democratização do ensino. A situação atual dessas pessoas é de extrema desvantagem em relação à outros grupos sociais, cuja causa prende-se ao fato de não terem tido a oportunidade de estudar, de aprender e assim conseguir um crescimento pessoal e profissional para que, por consequência pudessem ter uma vida melhor. Contudo é preciso também valorizar os diversos tipos de saberes importantes, que adquiriram ao longo de suas trajetórias, em diferentes tempos e espaços como experiências vivenciadas e conhecimentos construídos a partir da convivência social e com a natureza. Para Vygotsky (1994) qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Sendo assim, os conhecimentos apresentados na escola não estão desvinculados daquilo que se vivencia fora dela, mas mantém estreita relação. Por isso que a educação

formal é imprescindível para melhor compreensão da realidade, e a escola é a referência porque é lá que essas aprendizagens acontecem.

“[...]A escola é um lugar onde pessoas estudam e aprendem as coisas: Matemática, Ciências, aprende a ser legal com os colegas, a brincar direito e a estudar. E ler a gente também aprende na escola[...]”(aluno)

“[...]A escola é bom pra as criança aprender mais[...]”(Rafael, aluno)

Rafael tem onze anos e há dois está retido na série porque não tem domínio quanto ao uso da linguagem escrita. Seus pais são analfabetos e desde que ele tem idade escolar, estudou em uma escola multiseriada próxima à sua casa, onde haviam alunos do ensino infantil ao quinto ano. Por decisão da secretaria de educação do município juntamente com a comunidade local, essa escola foi nucleada e Rafael passou a estudar em um outra escola, bem distante de sua casa, mas em uma turma seriada. Todos os dias ele percorre um caminho a pé até a parada do primeiro ônibus. No caminho, ele troca de ônibus para poder chegar à escola, fazendo o mesmo trajeto na volta. Na escola, é calmo, atento e pacato. Procura não chamar a atenção da professora e nem dos colegas, mas esforça-se para superar os desafios e as dificuldades de aprendizagem que tem, e em um único ano consegue atingir avanços significativos com relação à apropriação do sistema de escrita alfabética.

“[...]A escola serve pra ensinar a gente a ser alguém na vida quando crescer[...]”(Aluno). A escola é por excelência, o espaço responsável pelo desenvolvimento acadêmico do aluno, entretanto um novo modelo de sociedade pós-moderna exige dessa instituição novos compromissos com a existência e a sobrevivência humana. Nesse sentido, a escola deixa de ser um espaço exclusivamente de desenvolvimento do conhecimento científico e passa a preocupar-se também com a transmissão de valores e o desenvolvimento de atitudes positivas que possam contribuir com a relação entre o homem, a sociedade e a natureza. As contribuições da escola na educação dos indivíduos ultrapassam o ato aprender a ler, a escrever e a calcular pois é antes de tudo um espaço de convivência e de socialização. Para MATURANA (2008) a escola é chamada a contribuir com a formação de cidadãos responsáveis e comprometidos. Sendo assim, não basta ter afinidades com as teorias, ou um bom desempenho profissional, assim como também não é suficiente conhecer e cobrar seus direitos e deveres. É necessário capacitar-se para participar ativamente da sociedade de forma

consciente e solidária, buscando devolver à nação aquilo que dela recebeu, de maneira a minimizar as desigualdades e os abusos, que geram pobreza e sofrimento.

4.2.3 EXPECTATIVAS COM RELAÇÃO AO DESEMPENHO ESCOLAR DOS ALUNOS:

Este item refere-se às expectativas que os sujeitos trazem para o futuro de seus filhos, cujo pano de fundo é a educação formal através do conhecimento científico.

“[...]Eu espero que ela tenha um futuro maravilhoso, que ela se forme, estude bastante, arrume um bom emprego que é a única herança que eu posso deixar[...]”(mãe de aluno)”

“[...]Eu venho pra escola porque eu quero aprender e ter um futuro melhor[...]”(João, Aluno). João tem nove anos, é filho de pai não alfabetizado e sua mãe evadiu-se da escola, mas sabe ler. No período em que não está na escola, ele ajuda seu pai nas atividades de casa e brinca ao ar livre com seus irmãos e vizinhos de esconde-esconde, toca e bicicleta. João aprendeu a ler com oito anos e ainda não é um leitor experiente, não tem fluência na leitura e sua escrita apresenta vários erros de ortografia. Em sua casa, quando a família está reunida, eles costumam conversar e contar casos, e a leitura e escrita somente aparece na hora das atividades de casa. Para João, a pessoa que não sabe ler tem uma vida ruim, porque não pode ter um bom trabalho. Nesse sentido, ele busca esforçar-se para aprender mais e garantir um futuro melhor do que seus pais.

“[...]Estudar é bom porque agente aprende a ser gente na vida[...]”(Aluno).

“[...]Eu espero que ele aprenda, seja um menino bem educado, bem desenvolvido[...]”(responsável por aluno).

Os pesquisados em sua maioria carregam grandes expectativas para o futuro cujo pano de fundo é a educação. Através de suas falas, podemos afirmar que eles reconhecem que a escola é importante para “ter um futuro melhor”, ser um sujeito educado e desenvolvido e “ser gente na vida”. Na escola as pessoas se relacionam entre si e também se relacionam com a informação buscando crescimento e desenvolvimento pessoal e também profissional. A escola deve favorecer a ampliação dessas expectativas e viabilizar o sucesso no desempenho escolar de seus educandos de forma que amanhã toda a sociedade possa contar com novos cidadãos, mais críticos, responsáveis e participativos. Tanto os pais quanto os próprios alunos acreditam que a escola é a grande esperança para um futuro melhor, pois os conhecimentos adquiridos e

os valores formados serão os alicerces desse sucesso. Dentre os conhecimentos desenvolvidos no âmbito escolar, nenhum deles é mais importante do que o domínio da leitura e da escrita, pois é por meio dela que todos os outros acontecem. Nesse sentido é necessário que tanto a escola quanto a família, valorizem o uso social da linguagem escrita em todos os seus aspectos e atividades diárias, de modo que essas crianças sintam-se incentivadas à praticá-la cada vez mais e conseqüentemente melhor. Não existe eficácia na prática docente se não houver uma parceria firmada entre a família e a escola. Ambas precisam compartilhar os mesmos objetivos, embora usando estratégias diferentes.

“[...]eu quero o melhor pra eles, estudar, ter alguma coisa no futuro, que seja uma pessoa melhor do que agente, que nem um professor, ou um veterinário[...](Mãe de aluno)

“[...]Eu só vivo dizendo a ela: estude que é pra você não ter um futuro como eu e de seu pai, você ter um emprego seu na sombra, daqueles emprego que não precisa se esforçar muito, e isso ela só pode conseguir estudando terminando os estudo dela todim, fazendo faculdade[...](Mãe de aluno)

Embora não tenham um certo grau de escolaridade que possa servir de exemplo e apoio aos filhos, nota-se que para os pesquisados, a educação básica obrigatória, já não é mais suficiente. Eles têm sonhos que vão muito mais além. Saber assinar o nome, ler uma mensagem ou escrever um bilhete é algo insignificante quando se trata de ser um leitor competente e um cidadão participativo, que interage e colabora com as iniciativas transformadoras. O acesso à informação é muito rápido e todos sabem que com a democratização do ensino, a expansão das universidades e os sistemas de cotas, as chances aumentam para aqueles que pertencem à grupos sociais menos privilegiados. Contudo, é necessário lembrar que o ofício de estudar, também exige dos sujeitos um enorme esforço cognitivo, que difere em vários aspectos do esforço físico, mas que também exige do indivíduo muita dedicação e empenho. Talvez, esse seja um dos motivos que causam a evasão escolar, pois estudar é um investimento de tempo que tem um grande retorno, mas é a longo prazo. Muitos dos sujeitos da pesquisa fazem menção ao tipo de atividade que exercem, no caso, a agricultura, como algo sem valor ou que torna a vida mais difícil, por isso almejam outras profissões para seus filhos. Entretanto o conhecimento científico não deve servir de base para que as pessoas abandonem suas origens, mas que seja um meio para transformar a realidade na qual está inserida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Aprender a ler e a escrever é uma tarefa que atualmente vai além do aprendizado mecânico das letras e seus sons. O método tradicional através do qual várias gerações foram alfabetizadas, já não funciona mais em uma sociedade cada vez mais desenvolvida e com tantos avanços tecnológicos. Na perspectiva do letramento, tais atividades demandam um esforço cognitivo e dedicação maior, de modo que ao ler a pessoa seja capaz de compreender, interpretar, ver o invisível, para que através do desenvolvimento da consciência crítica seja capaz de interagir e participar com plena capacidade da vida social em uma cultura letrada. Como diz o grande Paulo Freire, “não basta saber que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”.

Após a realização do presente estudo observou-se que o contexto social e a história de vida dos sujeitos pesquisados muito contribuíram para a formação de suas concepções sobre leitura e escrita. Na sua grande maioria são pessoas humildes, com uma certa carência intelectual, que não se escolarizaram devido ao fato de terem que trabalhar para ajudar suas famílias. Essas pessoas não tem o domínio da linguagem escrita pois vários fatores socioculturais colaboraram com este cenário, e dependem da ajuda de outras pessoas para atender as suas necessidades diárias nas quais precisam ler ou escrever um texto.

A pesquisa revelou que a compreensão que eles têm sobre leitura e escrita está diretamente ligada à obtenção de um bom lugar no mercado de trabalho, e atribuem à escola a responsabilidade de abrir horizontes para que tenham um futuro melhor. Notamos que são agricultores, mas não por opção e sim por falta de oportunidades e portanto desejam que seus filhos sigam por outros caminhos.

É observando o passado que podemos projetar melhor o futuro, através da utilização correta do presente. Nesse sentido, observamos que essa nova geração que está sendo formada em situações um pouco diferente de seus pais e/ou responsáveis podem tornar-se no futuro cidadãos mais conscientes, críticos e competentes através do desenvolvimento de suas capacidades linguísticas.

Para tentar diminuir esse distanciamento entre o verdadeiro significado que tem a linguagem escrita, ou seja, o seu poder comunicativo, e aquele por eles compreendido, é preciso desenvolver práticas docentes contextualizadas que levem em consideração as experiências concretas de vida dos sujeitos valorizando os conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetórias de modo que sintam-se como parte do processo. Nesse sentido, a linguagem

terá um significado relevante e estará relacionada as atividades importantes cotidianas que acontecem dentro e fora da escola.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa : currículo no ciclo de alfabetização : perspectiva para uma educação do campo : educação do campo : unidade 01 /*. -- Brasília : MEC, SEB, 2012.

_____. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental.* – Brasília : 144p.

BERNARDIN, Jacques. *As crianças e a cultura escrita*. Trad. Patrícia Chittoni R. Reuliard. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia J. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2, n1 (3), jan/jul. 2005, p. 68-80

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Moraes, 1980.

_____, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GATTI, Márcia de Carvalho: *Concepções e práticas docentes diante da diversidade dos alunos no processo de aquisição de aquisição da leitura e da escrita*. Dissertação de merstrado PUC, São Paulo, 2006

KLEIMAN, Angela B. *Linguagem e letramento em foco*. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005-2010.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Letramento e Competência Comunicativa: A Aprendizagem da Escrita. In: Revista Eletrônica do Projeto Temático de Letramento do professor – IEL-UNICAMP – disponível em:

http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/letramento_e_competencia_comunicativa_MariaMatencio.pdf

MATURANA, H. *Emoções e linguagens na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MELO, Raul da Mota Silveira e DUARTE, Gisléia Benini: *Impacto do Programa Bolsa família sobre a frequência escolar: o caso da agricultura familiar no Nordeste do Brasil*

MORTATTI, Maria do R. L. *Educação e Letramento*. São Paulo: UNESP, 2004.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ªed. 11ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____, Magda. *Alfabetização e Letramento*. São Paulo, SP: Contexto, 2003.

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989 - 1994.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. *Aprender a ler e a escrever. Uma proposta construtivista*. Porto Alegre; Artmed, 2003.

7. ANEXOS

7.1 ROTEIRO DE PERGUNTAS UTILIZADO NAS ENTREVISTAS:

Perguntas para os responsáveis pelos alunos:

- Qual o motivo que o levou a matricular seu filho na escola?
- Quais motivos que fazem seu filho perder uma aula?
- Qual a importância da leitura em sua vida e em sua família?
- Em que momentos do seu dia a dia você precisa ler ?
- Isso acontece com que frequência?
- Em que momentos você precisa escrever?
- Se não sabe ler, o que faz quando precisa fazer uma leitura ou escrever alguma coisa?
- O que é ler? O que é escrever? Para que as pessoas leem e escrevem?
- Como é o momento de seu filho realizar a tarefa de casa? Existe um horário definido?
- O que você espera para o futuro de seus filhos?
- Como eles podem alcançar esse objetivo?
- Qual é a principal fonte de renda da família?

Perguntas para as crianças:

- O que é estudar?
- Qual a função da escola?
- O que é ler? Para que as pessoas leem?
- O que é escrever? Para que as pessoas escrevem?
- Quais são as brincadeiras preferidas?
- O que faz no período em que não está na escola?
- O que quer ser quando crescer?
- Como você pode alcançar esse objetivo?
- Na sua opinião, qual é a idade certa pra casar e ter filhos?
- Em que situações do dia a dia precisam ler, fora da escola?
- Em que situações precisam escrever?
- Por que você vem à escola?
- Qual o motivo que o faz faltar na escola?

7.2 TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA:

Mãe de Gustavo:

Eu matriculei e ele tem que estudar porque eu acho que é pro bem dele, porque que nem eu fui criada que nunca tive assim, estudei, essas coisas e do jeito que foi pra mim eu não quero pros meus filhos. Naquele tempo os pais não obrigava os filhos e pra escola, aí eu fui pra escola ainda mas aí quando chegava na escola não queria estudar, aí pronto não quer estudar não minha filha, não, então vai trabalhar . Os pais não obrigava agente estudar não então a minha profissão o tempo todo foi essa, só na agricultura. Vei na minha cabeça eu lá quero nada com a vida, hoje em dia eu sou muito arrependida, porque quando agente cai ficando mais velha é tão bonito quando agente chega num canto e tudo que vê ali ta lendo, ta sabendo o que ta passando. Eu nem sei ler nem sei escrever, aí eu não quero isso pros meus filhos jamais, Deus me livre. Eu quero o melhor pra eles, eles só faltam à aula quando estão doentes, jamais eu vou dizer olhe meu filho hoje você não vai pra aula, não quero que eles perca nenhum dia por causa que eu quero o melhor pra eles, estudar, ter alguma coisa no futuro, que seja uma pessoa melhor do que agente que nem um professor, ou um veterinário. Leitura é uma sabedoria, é muito importante porque cada dia que passa mais vai aprendendo mais. Quando eu preciso ler alguma coisa eu peço a eles pra ler pra mim e escrever eu só sei fazer o meu nome se for olhando por outro..Quando é pra escrever um recado pra uma pessoa, eu vou dizendo e ele vai escrevendo. Ele lê pra mi os negócios quando vem da escola, um bilhetinho, um livro que trás da escola...As pessoas lê pra ser alguma coisa na vida e escreve pra ensinar...Eu sinto falta de não ter aprendido, se tivesse ficado na escola hoje eu não era analfabeta.

Mãe da Giliane:

Eu matriculei ela na escola pra ela aprender a ler né, aprender, se formar, eu num sei não. Foi da minha vontade mesmo. Ela só falta na escola quando ta doente sim e às vezes eu quero que ela vá na rua mais eu aí ela vai, numa precisão, num sendo ela num vai não. Não pode faltar não que é para aprender mais né. Em casa eu gosto de ler as historinhas que ela leva da escola, as vezes eu pego um jornal e vou ler, assim uma vez na semana. A leitura é importante na vida da gente agora porque eu num sei dizer não. É difícil eu escrever em casa, as vezes Giliane trás uma tarefa difícil aí eu vou e escrevo pra explicar pra ela. Eu não sei o que é ler

não, eu já saí da escola porque eu não sabia de nada, estudei até a segunda, eu aprendi a ler mais é pouco. Tem coisa que eu num sei não, sou rude demais. Eu deixei de estudar porque as professora passava os dever difícil demais aí eu não sabia, por isso que eu deixei de estudar. Giliane assim que chega da escola ela vai logo fazendo a tarefa de casa, eu espero que ela seja uma professora agora como ela vais conseguir eu num sei.

Mãe de Letícia:

Eu matriculei mode a... a...assim,pela a aprendizagem, o que ela vai ser no futuro, por isso. Ela só perde aula caso de doença somente. Ela tem que vir todo dia para aprender mais e para ter um futuro bom porque assim, já que eu não tive o futuro que eu quero dar a ela ela vai, porque ta certo eu vejo muitas jovens por aí que não estudou e casou cedo e aí fica sofrendo depois com dificuldade pra ter trabalho e essas coisa, eu estudei até a sétima não consegui, tem hora que dá um desespero na pessoa. Eu não tenho muito tempo pra ler, mas quando dá um tempinho assim eu gosto muito de ler blíblia, também gosto muito de livro dessas historinha que Letícia leva da escola, eu leio primeiro do que ela. A leitura é importante, com certeza, porque agente tem que saber ler as coisas quando vai assim pra algum canto agente não súbber ler agente não sabe andar. Ás vezes agente gosta de passear pra fora aí se agente não souber ler agente não sabe pra onde é que ta indo.Ler é... é um tipo de aprendizagem, pra aprender as coisas. Ás vezes eu leio duas vezes por semana. Escrever é...aprender, sei lá eu num sei nem explicar direito. As pessoas escreve para aprender a ler né.A ultima vez que eu escrevi foi um bilhete para ir fazer a feira porque eu mesmo quando eu vou fazer a feira gosto de fazer. O que Letícia ver em casa, tudo no mundo ela lê. Ainda ontem ela pegou três jornal que minha tia vinha trazendo e disse eu vou ficar com esse daqui que é pra mim ler pra ficar sabendo o que ta acontecendo no mundo. O que ela pegar ela le. Até aquele livrinho de crente, que fala de Deus fala do mundo o que vai acontecer ela lê, já ta terminando. A tarefa de casa ela só se lembra quando vai quase na hora de dormir, eu só vivo reclamando, mas ela faz. Eu espero que ela tenha uma vida melhor do que a minha e do pai dela ela conseguir terminar os estudo dela e ter um emprego assim que não seja que nem o do pai dela, que é no sol. Eu só vivo dizendo a ela estude que é pra você não ter um futuro como eu e de seu pai você ter um emprego seu na sombra, daqueles emprego que não precisa se esforçar muito e isso ela só pode conseguir estudando terminando os estudo dela todim fazendo faculdade.

Mãe de Ana Livia:

Eu matriculei porque eu achei que era uma boa escola aqui pra ela estudar né, eu achei que era melhor. A escola é importante porque eu sempre...olhe, tem uma vizinha lá que os filhos é bem estudado aí eu digo a ela olhe minha filha você veja o exemplo da filha de Kênia, hoje ela tem o que uma filha advogada e um futuro advogado porque? Porque tem o estudo. Eu já disse a ela oi enquanto ela quiser estudar eu luto. So quando ela ta doente ou então quando não tem a não ser ela não gosta de faltar, ela chora, ela grita ela salta. A leitura pra mi eu acho importante agora pra vó dela ela num acha não. Minha menina mais velha é junta com Cicinho, ela não dá valor ao estudo, ela só dar valor ao trabalho. Minha sogra não dar valor ao estudo aí por causa que ela incentiva a menina deixou de estudar. Ela num sabe nem ler, nem ela nem o marido. A pessoa com a leitura vai além, e sem a leitura criatura? Eu sempre leio, a bíblia, algum livro que a menina traz da escola...Sempre, sempre eu to lendo. Eu escrevo, sempre, sempre eu to escrevendo qualquer coisa. A última coisa eu num me lembro não. Eu sei ler, num fui bem alfabetizada não por isso que eu quero muito que as minha menina estude. Eu só estudei até a segunda série, eu sei ler bem pouquim. Ler pra mim é uma coisa muito importante porque você sabe até pra pessoa ser um gari de rua tem que ter a leitura porque se não tiver não dá certo. As pessoas lê pra ter uma vida melhor porque alem do estudo é o que a pessoa consegue trabalhando. Ana Livia lê tudo olhe ela tem boneca mais é só pra enfeitar, as brincadeiras dela é só com livro, com bíblia, ela fala de ser um negócio que eu num sei nem explicar, um negócio que essa menina de Maria é, de desenhar..eu digo a ela oi você é quem sabe, eu quero demais, eu digo a ela oi se você quiser fazer um curso mais pra frente eu faço um emprésti, aí quando ela tiver maior eu digo você arruma um serviço e você mesmo paga seus curso, estude mulher. Tudo depende do interesse dela de estudar pra ser uma pessoa na vida.

Avó de Kaique:

Eu já tinha informação que a escola daqui tinha muito desenvolvimento e eu coloquei ele aqui e deu muito certo pra ele porque ele não sabia ler e eu botei ele pra cá e ele desenvolveu bastante e eu to muito satisfeita As vezes ele amanhece sangrando o nariz ou tossindo muito aí me dá um nervoso de mandar ele pra aula mas tirando disso ele sempre vem .eu gosto de ler a bíblia, gosto de ver as tarefa dele a leitura é importante demais mulé com certeza porque sem a leitura ninguém é nada eu leio uma vez na semana duas...eu gosto muito da bíblia a minha bíblia veve em cima da mesa Eu acho que ler é um desenvolvimento pra criança e

escrever também as pessoa Le pra ser uma pessoa cilivizada porque o analfabeto tudo que faz é com o dedo hoje qualquer negócio que a gente vai fazer o primeiro que ele pergunta logo se assina. Kaique gosta de ler a bíblia também e gosta muito de ler as historinha dele que ele leva daqui mas não gostava não agora depois que ele aprendeu tudo que passa na televisão ele vai logo lendo a tarefa de casa ele faz todo dia quando toma banho aí ele vai fazer eu espero que ele aprenda, seja um menino bem educado, bem desenvolvido na leitura bem craque que nem as minha outra neta que tem uma que já ta terminando os estudo se ele continuar estudando na escola fazendo tudo direitinho que é pra ser feito porque se não fizer e perder aula e não se interessar nada faz eu também to muito feliz porque ele ta na catequese, se preparando para fazer a primeira comunhão que é meu sonho.

Mãe de Raylson:

Eu matriculei meu filho aqui porque é o município que eu moro e aqui é melhor. Matriculei para ele aprender porque é melhor estudar do que ficar sem fazer nada e fazendo o que não deve. Eu não sou alfabetizada, leio mais ou menos. Os meninos hoje em dia tem muito estudo e antigamente nós não tinha. Eu estudei mais só ia pra escola uma ou duas vez por semana porque tinha que trabalhar no motor de agave pra ajudar a botar o comer em casa. Lá em casa tinha 12 filhos mais nenhum conseguiu estudar. A leitura é importante demias porque através disso se aprende muita coisa e arruma um emprego. Eu vendo umas coisinha e quando eu preciso ler ou escrever alguma coisa sempre eu preciso que eles(os filhos) me ajude. Quando eu escrevo somente eu mesmo entendo porque falta letra às vezes tem alguma coisa errada aí eu peço ajuda à eles. As pessoas aprende a ler para ler as coisas e pra saber de alguma coisa e escrever também. Raylson às vezes pede pra eu ajudar no dever de casa mas eu não sei. Ele faz sempre de 6 horas quando toma banho que janta aí vai fazer. Às vezes ele leva um livro daqui e eu só vejo ele lendo. Todas as coisas ele lê, um papel, os livros e a televisão. Eu digo a ele: Olhe Raylson eu vou te dar teus estudo até tu arrumar um emprego bem bom, agora tu tem que valorizar, porque a minha outra filha mais velha eu paguei cursinho de informática, fiz tudo pra ela estudar mais ela não quis mais e se casou com 16 anos com o primeiro namorado aí deixou de estudar. Eu espero que ele não case cedo, tenha um futuro bom, seja uma pessoa que trabalhe num emprego bom como médico, professor... e ele só vai conseguir estudando, se interessando e tando na escola.

Mãe de Joyce:

Eu coloquei ela na escola pra ela aprender, ser alguém na vida. Ela só perde aula se for motivo de doença, esse ano ela só faltou um dia mesmo assim trouxe o atestado.. Não pode perder aula não porque é pra aprender, ser alguém na vida só com o estudo que é a única coisa que eu posso deixar pra ela. Eu sei ler, estudei até o quinto ano e meu marido também sabe. Deixei de estudar porque me casei mas às vezes eu penso em voltar à estudar. As pessoas lê e escreve para aprender mais e passar o que sabe para as outras pessoas. Eu sempre leio uns livros de historinha e olho os livros de história e geografia das meninas (filhas). Porque eu parei de estudar aí tenho que ficar lendo sempre alguma coisinha que é pra não esquecer, saber escrever direito as palavras e ajudar elas nas tarefas de casa. Joyce lê tudo se deixar. Ela lê o livro que leva da escola, todo dia ela faz eu me sentar mais o pai para ler um livro de historinha pra gente, ela gosta de ler bastante. Tem dia que ela faz o dever de casa assim que chega da escola, tem dia que dorme o sono da mei dia, tem dia que é de seis da noite, não tem hora certa não mas eu sempre lembro: Ei, cuidado a tarefinha de casa. Eu espero que ela tenha um futuro maravilhoso, que ela se forme, estude bastante, arrume um bom emprego que é a única herança que eu posso deixar.

Mãe de Vanuze:

Eu matriculei ela aqui porque a escola do Mari Preto fechou e também lá os meinos ficavam soltos ai a escola é na beira da estrada aí eles tava sujeito a um carro passar e bater neles ou eles mesmo cair brincando. Estudar é muito importante, pra ser alguém tem que estudar. Ela só perde aula quando ta doente ou às vezes eu preciso ir na rua e minha sogra não ta em casa pra ir esperar o carro com ela fora isso eu não quero que ela falte não, de jeito nenhum, porque vai atrasar ela, vai ficar com tarefa atrasada, se der algum assunto ela vai perder...Agente é agricultor mas nesse tempo sem chuva meu marido vai cortar lenha, o serviço que aparecer ele vai, num fica escolhendo, o que vier ele ta pegando. Eu ajudo ele, não no momento porque eu to grávida mas no inverno quando chove eu trabalho com ele na agricultura. A leitura na minha opinião é fundamental porque se agente ver um livro lê ou alguma informação importante pega e lê. Em casa eu leio até livros de quando eu estudava, leio revistas, leio a bíblia e coloco ela pra ler a bíblia , sempre eu coloco ela pra ler alguma coisa e leio junto com ela. A semana passada eu li um livro que meu irmão me deu que é: Jesus o maior psicólogo que já existiu. Que é um livro assim que fala de pessoas que tinha problemas mais se pegou com Deus e se superou. As pessoas lê e escreve eu acredito que é

para adquirir conhecimento pra sempre estar aprendendo mais e mais. Eu estudei até a oitava série e meu marido até o quinto ano, agente lê e escreve. Todo dia de quatro horas da tarde eu sento com ela e vou fazer a tarefa mais ela, ajudo porque às vezes ela tem dúvida aí eu explico e ela faz. Ela em casa lê os livros que leva daqui, lê qualquer um livro velho que ela tem de fazer recorte, tem as historinha ai ela lê e sempre ta procurando alguma coisa pra ler. O que é ler? Ler?... Ler é tudo na vida da gente porque não existe nada melhor no mundo do que você olhar ali e imediatamente você vai ler. Eu espero que ela estude bastante e que procure uma profissão boa r que não faça como eu que parei, devia ter continuado mas parei, aí eu dou a maior forç que continue. Eu parei porque casei com 15 anos mas ela eu incentivo, eu to ali no pé o tempo inteiro só incentivando e meu marido também porque ele não teve interesse pra estudar mas ele dá incentivo também. Eu me arrependo de ter parado se depender de mim ela vai casar bem velhinha porque eu quero que ela estude, e ela gosta de estudar e eu incentivo.

Mãe de Gabriel:

Eu não sei ler. Muito pouco, quem sabe ler lá em casa muito é as meninas eu sei pouco demais porque eu só fiz a primeira série ai num, alguns nomes eu leio mas não é muitos. Meu marido só fez a primeira série também porque naquele tempo tinha as escola mas só que agente trabalhava de agricultor aí o Pai da gente, antes de ir pra escola tinha que ir pro roçado trabalhar e quando chegava ele dizia olhe peça a professora pra sair cedo que é pra ir trabalhar aí agente desistiu por isso porque era muito cansativo pra estudar e limpar mato, apanhar feijão e essas coisas e por isso não consegui mas inclusive hoje eu já me arrependi de não ter estudado porque é muito difícil né a pessoa não pega um emprego e sofre muito. Meus filho tudinho sabe ler até que tem uma que vai terminar agora, outra estudou até o primeiro ano aí se envolveu com um desgramado hoje ta com uma menina lá nos braço e os outros tudim sabe ler só menos eu e meu marido, sabe mais é pouco que agente não vai dizer que sabe ler tudo né. Gabriel tem que estudar porque é pra quando for mais pra frente ele ter um futuro melhor pra ele é a coisa mais que a pessoa pode dar pum filho é o estudo porque é um negocio que aquilo ali é pra ele né e mais pra frente ele vai ser alguma coisa na vida o que eu não sou eu faço de tudo pelos meus filhos pra eles estudar só por conta disso porque eu sei que é difícil a vida da pessoa do campo. Mais pra frente ele vai estudar, vai pegar um emprego bom que possa ganhar o dinheiro dele, o que eu penso é nisso. A escola realmente, estudar é uma coisa muito boa, no meu caso é porque eu não estudei mas por conta disso porque eu tinha que trabalhar desde pequenininha que eu comecei a trabalhar na agricultura porque naquele tempo

agente não tinha as coisa que tem hoje em dia não era tudo difícil, agente passava fome de primeiro, é duro dizer mas passava. Gabriel perde aula quando ta doente, inclusive agora graças a Deus nunca mais ele perdeu meus filho tudim vai pra escola todo santo dia a não ser que teja com problema. Naquele mês que eu não tirei meu dinheiro meu menino ia pra escola mas quando chegava lá a diretora veio dizer a eu que ele pulava o muro e ia simbora eu disse mesmo a diretora que é porque eu num posso ir pra reunião no sol quente porque sou hipertensa e não posso. A leitura é muito importante porque a pessoa que não sabe ler é cego, a pessoa que sabe ler quando chega vê um nome lê e a pessoa que num sabendo? É difícil, eu sei ler muito pouco. Em casa eu num leio nada não, eu acho bonito os menino lendo mais eu mesmo num leio nada não. Às vezes eu pego abro um caderno pra escrever o nome pra ver se eu assino mais bonito, em casa eu até que aprumo o nome bem bonito mais quando eu vou pros canto assim aí eu já num sei. A professora lá da rua Neide ela queria que eu fosse estudar mas aí eu fiquei com vergonha porque era juntos dos menino pequeno. Ela disse Maria venha mulher que você aprende, aí eu disse eu sei que aprende mais eu tenho que cuidar da casa e pro meio dos menino eu uma veia (risos) Ainda me matriculei pra estudar à noite mas num fui não porque é rim demais sair de noite. Quando eu preciso ler ou escrever alguma coisa as meninas escreve eu mesmo tenho o telefone mas num sei nem fazer uma ligação, eu sou muito burra, fui fazer uma ligação uma vez e liguei errado, atender eu sei mas pra fazer eu chamo qualquer um dos meninos. Esse meu menino Gabriel eu fico bestinha como ele é, no primeiro ano de escola ele aprendeu a ler, ele sabe mexer em celular, ele mexe nesse negócio de mensagem, ele mexe em tudo, tudo ele sabe e eu não sei não, eu num vou dizer que sei. Pra ler e escrever tudo é eles. Às vezes eu mando elas escrever assim uma notícia, uma carta né porque eu tenho uma filha que mora em Maceió. Gabriel lê tudo em casa, livro, o nome que passa na televisão, ele é muito inteligente. Ele agora faz o dever sempre de noite porque ele tem lá umas ovelhas que vai pastorar de tardezinha aí de noite ele faz

Aluna Joyce:

Estudar é muito importante para eu ser alguém na vida quando eu crescer. A escola é um lugar onde pessoas estudam e aprendem as coisas: Matemática, Ciências, aprende a ser legal com os colegas, a brincar direito e a estudar. E ler a gente também aprende na escola. Ler é muito importante porque se não fosse a leitura os meninos não aprendiam. A gente lê pra se divertir e também pra se informar das coisas. Escrever é muito legal as pessoas escrevem para dizer alguma coisa a outra pessoa... Ler e escrever mudou tudo na minha vida porque antes eu

não lia pro meu pai e agora eu leio pra ele, pra minha irmã e pra minha mãe. Quando eu crescer quero ser veterinária vou conseguir estudando.às vezes minha mãe ta doente aí eu preciso ler o nome do remédio, e escrevo no dever de casa e tem vez que eu crio histórias. Eu venho pra escola pra aprender e também pra var meus colegas. Eu só falto a aula quando eu to doente aí minha mãe manda eu ficar em casa, tenho que vir todo dia pra aprender e também pra minha mãe não ficar sem o bolsa família.

Aluno José:

Estudar é um negocio muito bom, aprender a ler, a escrever. A gente precisa aprender a ler e a escrever porque se um dia o caba for simhora prum restorante se o caba num sube Ler e num sube escrever aí num faz o pedido dos cliente pede. Ler é um negócio muito bom porque aivei vem um a folha com qualquer uma coisa, um papel pro caba aí o caba tem que ler pra saber o que é. Escrever é escrever tudo certinho as palavras pras outras pessoas. A gente escreve uma carta, um anúncio, para perguntar, para saber...A escola serve pra ensinar respeitar os professores...quando eu to em casa eu fico assistindo televisão, quando num é televisão eu vou botar comer pros boi...Tem vez que eu leio mais minha irmã um livro que ela tem..um negócio de uma bíblia lá. Quando eu crescer quero ser um vaqueiro, aprender a ler e a escrever aí eu arrumo dinheiro trabaiano nos restaurante e compro um cavalo pra correr nas vaquejada. Lá em casa Bia filha de Janaína aqui acolá ela lê livro, lê a bíblia e minha irmã quando eu arengo aqui na escola que vocês manda o bilhete ela é quem lê, tudo que mandar pra lá ela lê pra papai.

Aluna Eduarda:

Estudar é aprender muitas coisas...matérias...uma ruma de coisas. A escola serve para educar os alunos, ensinar a escrever, a ler e ficar comportado. Ler é agente ler um livro, escrever é agente pegar um lápis e escrever no caderno palavras, músicas. As pessoas lê e escreve pra quando receber alguma coisa saber ler e pra quando agente for escrever o nosso nome saber escrever. Quando eu estou em casa assisto TV, lavo os prato e varro a casa e quando ta todo mundo junto meu pai, minha mãe e meus irmãos ai agente assiste televisão. Quando eu crescer quero ser cantora e vou conseguir sabendo ler e escrever. Minha irmã lê livros e lê notícias na Tv e eu leio histórias de terror que minha vó e minha irmãs conta aí eu vou mais minhas amigas pra debaixo do cajueiro e leio pra elas.Eu brinco de escolinha aí eu escrevo atividades pra eles e eles pra mim. Eu venho pra escola pra aprender a ler, escrever e me

educar pra quando eu crescer eu saber ler escrever e ser uma pessoa educada, porque se alguém trazer alguma coisa pra mim eu já sei ler, se alguém trazer alguma coisa pra mim escrever eu sei escrever e quando for uma pessoa lá em casa eu sei me comportar. Quando eu não venho pra escola e porque estou doente ou vou pra rua. Eu tenho que vir todo dia pra mi aprender a ler e a escrever e a me educar.

Aluno Alan:

Estudar é ler, escrever e aprender muitas coisas. Ler é pegar um texto e ler ele todinho e escrever é pegar um lápis e uma folha e fazer palavras ou se não textos. As pessoas lê pra aprender a ler... a escrever, e escreve para saber mais de outras coisas, agente tem que aprender a ler e a escrever pra quando crescer ter um trabalho melhor. A vida das pessoas que não sabe ler é ruim porque não tem trabalho bom. Ler é muito importante porque agente aprende e tem um futuro melhor. Em casa eu brinco de toca, de esconde-esconde e de bicicleta. Quando ta todo mundo junto agente conversa e tem vez que a minha mãe brinca de fazer perguntas. Quando crescer eu quero ser um caminhoneiro e eu vou conseguir lendo, fazendo as atividades e passando de ano e se esforçando. Em casa eu leio uns textos e outras coisas no livro de histórias, de ciências e de português e tem vez que é nos cadernos. Eu escrevo as atividades de casa e outras coisas lá. Só minha mãe sabe ler meu pai não sabe não. Quando ele quer ler alguma coisa ele chama ou eu ou meus irmãos pra ajudar. Ela lê os textos que tem lá e lê o que passa na televisão e escreve textos e perguntas pro meu pai. Eu venho pra escola porque eu quero aprender e ter um futuro melhor e só falto quando to doente porque se faltar o futuro não vai ser melhor.

Aluno Joel:

Estudar é bom porque o caba aprende mais. A escola é bom pra as criança aprender mais. Se não tivesse escola as criança não sabia ler nem escrever. Ler é uma criança saber ler tudo por exemplo tem um livro assim aí o caba só é pegar e ler tudo. As pessoas Le para saber o que ta lá no papel, Escrever é ficar com as letras pra gente escrever o que ta certo e o que ta errado. As pessoa escreve pra dizer que sabem escrever já. Eu já vi meus irmão lendo livro e escrevendo texto lá em casa. Meu pai num sabe ler não e nem minha mãe, e escrever também não. Eu gosto de brincar de bola e de vôlei, eu pego um livro e cou ler quando eu ainda não sabia ler au ia pegar um livro e ficava tentando. Quando eu crescer quero ser um professor e pra ser professor tem que estudar. No sábado e no domingo eu leio, pego um livro e vou ler

pra aprender mais. Eu venho pra escola pra aprender e porque eu quero passar pro quarto ano para ir pra Pedreiras. Só faltou na escola quando to doente.

Aluna Vanuze:

Estudar é agente aprender alguma coisa na escola é bem interessante se agente não estudar agente não vai aprender nada. Agente vai se formar pra alguma coisa aí agente tem que estudar pra aprender e ser alguém na vida. A escola serve para nos ensinar, nos ajudar a ler e também escrever. Ler é...é...Quem não sabe ler, lê de palavra em palavra, devagarinho que aos poucos a gente vai aprendendo e quem sabe ler vai desenvolvendo mais a leitura as pessoas precisam saber ler pra ser alguém na vida e escrevem para saber mais. Eu gosto de brincar de mãe e filha com a minha boneca eu ajudo a minha mãe, varro a casa, lavo a louça e ajudo minha vó também. Quando crescer eu imaginei ser médica e a pessoa precisa estudar muito e aprender. Um dia meu pai queria saber uma palavra parece que era em inglês, eu tentei ler pra ele só que eu não consegui porque era muito difícil. Meu pai lê jornal, lê revista quando eu levo livro pra casa, quando eu acabo de ler aí mamãe pede pra ler também ela acha muito interessante os livros daqui. Em casa eu leio jornais, leio os livros que trago da escola, leio uma bíblia que minha mãe tem e leio muitos livros. Minha mãe quando é na sexta-feira, ela faz a lista de compras pra papai que ele não se lembra o que é para comprar. Ela também escreve mensagens no papel e manda para o meu tio pra ele copiar no celular. Eu escrevo cartas pra minhas amigas e faço as atividades de casa. Eu venho pra escola porque quero aprender e ser alguém na vida quando faltou é porque estou doente ou vou fazer exames.

Aluno Kaique

Estudar é bom porque agente aprende a ser gente na vida. A escola serve pra ensinar agente a ser alguém na vida quando crescer também ensina agente a ler e a escrever. Ler é agente conhecer o passado as pessoas Le pra saber como foi o passado dos antepassados da gente e escrever agente só aprende estudando agente precisa aprender a ler e a escrever para arrumar um bom emprego quando crescer. Em casa eu ajudo minha vó, ajudo meu tio, jogo vídeo game, ando de bicicleta, vou brincar mais Aninha tem vez. Eu já vi meu tio lendo um papelzinho um negócio que eu não sei nem o que danado é que vem dentro do som dele para saber instalar e minha vó lendo um negocinho que eu trouxe da catequese que era da missa aí ela leu para saber onde era o local, quando era, que hora...eu e minha vó agente escreve carta para mandar pra outra pessoa quando eu crescer eu pensei em ser caminhoneiro mas...

Quando eu to em casa eu leio e escrevo a atividade de casa, um livro quando eu levo eu venho pra escola pra aprender estudar escrever ler, eu falto quando eu to doente e tem vez que eu vou pra rua eu gosto de vim pra escola porque a gente encontra os amigos.

Aluna Ana Livia

Estudar é uma coisa muito importante porque se não agente não aprende nada aí vai ficar tudo burro a escola é importante para ter uma boa aprendizagem na escola agente aprende a ser educado, a ser amigo, e várias coisas legais como matemática, português...Eu aprendi a ler aqui na escola. Ler é...sabe que eu não sei?E escrever é...também não sei! Em casa eu brinco de corrida, leio livros de contos de fadas e às vezes de ciências e quando eu crescer quero ser médica e só vou conseguir estudando muito. Meu pai e minha mãe lê os livros que eu trago da escola e às vezes ele escreve cartas para se comunicar com as pessoas eu venho pra escola pra ser uma pessoa que tem aprendizagem e educada.

Aluno Hayane:

Estudar é ler, escrever e fazer as atividades. A escola serve para aprender a ler e escrever. Ler agente aprende estudando



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE - CES
SÍTIO OLHO D'ÁGUA DA BICA, S/N CUITÉ, PB – 58175-000
FONE: (83)3372-1900 - FAX: (83)3372-1945

DECLARAÇÃO

Eu, _____, administradora escolar da EMEF Antônio Ferreira da Costa, Sítio Lajedo Grande, Picuí-PB, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: “Concepções de familiares responsáveis e de alunos sobre leitura e escrita de uma turma em uma escola rural de Picuí-PB”, que será realizada com os alunos do 3º ano A da referida escola, com abordagem qualitativa, no período de Julho à Setembro de 2013, tendo como pesquisadora a professora Josimane dos Santos Medeiros, aluna do curso de especialização em educação da Universidade Federal de Campina Grande.

Cuité, 10 de julho de 2013.

Maria José dos Santos Dantas

Diretora

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE - CES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO: “Concepções de familiares responsáveis e de alunos sobre leitura e escrita de uma turma em uma escola rural de Picuí-PB”

Você e a criança matriculada na escola sob sua responsabilidade estão sendo convidados a participarem do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “Concepções de familiares e de alunos sobre leitura e escrita de uma turma em uma escola rural de Picuí-PB” bem como concordo que a criança pela qual sou responsável também participe do referido estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias, assim como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O estudo se faz necessário para que se possam descobrir fatores que interferem no processo de alfabetização;
- II) Serão realizadas entrevistas semiestruturadas nas quais responderemos espontaneamente à perguntas abertas e fechadas relacionadas ao tema em estudo;

- III) As respostas serão utilizadas exclusivamente para esse estudo e só poderão ser divulgadas em publicações científicas, mantendo-se garantido o sigilo com os nossos dados pessoais;
- IV) Temos a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejarmos, sem necessidade de qualquer explicação;
- V) Caso desejarmos, poderemos pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa;
- VI) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro, ao Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

Cuité, de de 2013.

Assinatura do responsável	RG	Data de nascimento
1.		
2.		
3.		
4.		
5.		
6.		
7.		
8.		
9.		
10.		
11.		
12.		
13.		
14.		
15.		
16.		
17.		

Termo de Compromisso do (s) Pesquisador (es)

Por este termo de responsabilidade, nós, abaixo – assinados, respectivamente, autor e orientador da pesquisa intitulada “Concepções de familiares responsáveis e de alunos sobre leitura e escrita de uma turma em uma escola rural de Picuí-PB”, assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução nº 196/ 96 do Conselho Nacional de Saúde/ MS e suas Complementares, autorgada pelo Decreto nº 93833, de 24 de Janeiro de 1987, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

Reafirmamos, outrossim, nossa responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes a presente pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo das fichas correspondentes a cada sujeito incluído na pesquisa, por um período de 5 (cinco) anos após o término desta. Apresentaremos sempre que solicitado pelo CEP/ HUAC (Comitê de Ética em Pesquisas/ Hospital Universitário Alcides Carneiro), ou CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) ou, ainda, as Curadorias envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da pesquisa, comunicando ainda ao CEP/ HUAC, qualquer eventual modificação proposta no supracitado projeto.

Cuité, _____ de _____ de 2013

Autor (a) da Pesquisa

Orientador da pesquisa